



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Ciência Política – IPOL

Maria Clara Lima de Oliveira

**Uma terceira onda conservadora: a ascensão da
extrema direita na França**

Brasília, 2018

RESUMO

Vários são os indícios do surgimento de uma terceira onda conservadora, representada pela ascensão coletiva de partidos de extrema direita em diversas partes do mundo. O crescimento da Frente Nacional na França é um dos eventos mais expressivos do fenômeno. Visando identificar os possíveis fatores que contribuíram para a ascensão da extrema direita na França, foi realizado um estudo de caso sobre a ascensão da Frente Nacional no país. Este trabalho apresenta sua análise com enfoque no desenvolvimento da imigração, no contexto econômico e social do país, e na influência da liderança de Marine Le Pen. Ao analisar a postura do país em relação à imigração, percebe-se a tendência de considerar a imigração como um problema de segurança nacional. O crescimento do desemprego devido à crise econômica de 2008 provocou o descontentamento generalizado da população francesa. Isto contribuiu para a impopularidade dos mandatos de Nicolas Sarkozy e François Hollande, consequentemente aumentando a descrença da população com os partidos mais tradicionais da arena política. A Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen permaneceu marginalizada na conjuntura política durante a maior parte de sua existência. No entanto, desde que a liderança do partido foi assumida por Marine Le Pen, a Frente Nacional tem tido o melhor desempenho de toda sua história. Ao disfarçar seu caráter racista e xenofóbico, Marine Le Pen conseguiu melhorar a opinião dos eleitores acerca de um partido que apresentava altos índices de rejeição. Entretanto, os princípios radicais do partido permaneceram intactos. A habilidade de Marine Le Pen de reformar a imagem do partido foi fundamental para seu recente sucesso, no entanto, algumas outras circunstâncias na França também propiciaram o crescimento de partidos radicais como a Frente Nacional. O partido vem se estabelecendo como uma força política forte, demonstrando potencial de se tornar um oponente desafiador para as próximas eleições.

Palavras-chave: *Onda conservadora, ascensão da extrema direita, Frente Nacional, imigração, Marine Le Pen.*

ABSTRACT

There are several signs indicating the emergence of a third conservative wave, mainly represented by the simultaneous rise of far-right parties in various parts of the world. The growth of the National Front in France is one of the most expressive events of this phenomenon. Aiming to identify the factors that may have contributed to the rise of the extreme right in France, a case study on the rise of the National Front was carried out. This paper presents its analysis focusing on the development of immigration, the economic and social context of the country, and the influence of the leadership of Marine Le Pen. By analyzing the country's attitude towards immigration, there is a tendency to consider immigration as a national security problem. The growth of unemployment due to the economic crisis of 2008 provoked the general discontent of the French population. This contributed to the unpopularity of the presidency of Nicolas Sarkozy and François Hollande consequently increasing the disbelief of the population with the traditional parties of the political arena. The National Front of Jean-Marie Le Pen remained marginalized in the political conjuncture during most of its existence. However, since the party's leadership was taken over by Marine Le Pen, the National Front has had the best performance of its entire history. By disguising its racist and xenophobic character, Marine Le Pen was able to improve the voter's opinion about a party with high rejection rates. However, the radical principles of the party remained intact. Marine Le Pen's ability to reform the party's image was critical to its recent success, but some other circumstances in France also contributed to the growth of radical parties such as the National Front. The party has steadily established itself as a strong political force, demonstrating the potential to become a challenging opponent for the upcoming elections.

Keywords: *Conservative wave, rise of the far-right, National Front, immigration, Marine Le Pen.*

Sumário

1 Introdução	4
2 As ondas conservadoras	7
2.1 A terceira onda conservadora	9
2.2 Semelhanças entre o fascismo e a onda conservadora atual	13
3 Imigração e crise econômica	16
3.1 A imigração na França desde o fim da Segunda Guerra Mundial	17
3.2 Os protestos de 2005	20
3.3 A crise econômica	22
3.4 A Primavera Árabe	23
4 A história da Frente Nacional	27
5 A Frente Nacional sob a liderança de Marine Le Pen	34
5.1 Eleição de 2012	37
5.2 Eleição de 2017	40
6 Conclusão	43
7 Referências bibliográficas	47

1 Introdução

A eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do Brasil, maior país da América Latina, despertou interesse e preocupação no mundo inteiro. A vitória de Bolsonaro é mais um marco significativo da ascensão que a extrema direita tem tido em anos recentes. Uma tendência de caráter conservador nacionalista tem sido percebida em vários países do mundo. Outros exemplos são a eleição polêmica de Donald Trump nos Estados Unidos, a saída impactante do Reino Unido da União Europeia, o partido de extrema direita AfD (Alternativa para a Alemanha) se tornar a terceira maior bancada do Parlamento alemão, e a presença de Marine Le Pen no segundo turno da eleição presidencial da França em 2017. Esses foram os maiores exemplos do fenômeno, no entanto, os indícios do crescimento da extrema direita são inúmeros. O universo deste estudo é a ascensão e consolidação de partidos conservadores, com recorte para o caso da França, que é o foco deste trabalho.

A tendência global de governos conservadores relacionados à extrema direita não é um fenômeno inédito, muito pelo contrário. Os movimentos atuais expressam clara ligação com os movimentos conservadores do passado, como o fascismo e as ditaduras militares. Ao que parece, as ondas conservadoras se manifestam de maneira cíclica ao longo dos anos. Em meados dos anos 20, o fascismo começou a florescer pelo continente europeu. Entre os anos 60 e 70, não muito depois da Segunda Guerra Mundial, regimes militares despontaram em diversos países, especialmente na América Latina. Dando continuidade aos padrões propostos por Samuel Huntington, seria possível que um novo movimento em direção a regimes mais conservadores esteja em ascensão, sendo assim, isso poderia caracterizar os princípios de uma terceira onda reversa. Um dos maiores temores desta hipótese encontra-se justamente na ligação entre o fenômeno atual com as ondas anteriores. Torna-se necessário que se compreenda até que ponto esses dois movimentos se assemelham a fim de evitar que atrocidades semelhantes às praticadas no passado por regimes de extrema direita sejam repetidas no mundo contemporâneo. Como dizia Edmund Burke: 'Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la'.

A evolução da Frente Nacional na arena política da França é um dos casos mais evidentes da ascensão de partidos de extrema direita na Europa. Em 2014, a Frente Nacional foi o partido mais votado na eleição para o Parlamento Europeu, órgão relativo à União Europeia, e conseqüentemente é o partido que possui o maior número de representantes. Na eleição presidencial de 2017, a Frente Nacional obteve um recorde histórico de votos, se classificando para o segundo turno. O partido que permaneceu por muitos anos na periferia da conjuntura política da França tem demonstrado desempenho surpreendente nas últimas eleições do país. Como a Frente Nacional, um partido marcado por posicionamentos polêmicos de caráter radical, racista, e xenofóbico tem ganhado cada vez mais protagonismo no cenário político da França? Buscando compreender a ascensão da Frente Nacional, o objetivo deste trabalho é identificar os possíveis elementos que expliquem o crescimento do partido nos últimos anos.

Através de um estudo de caso realizado sobre a evolução da Frente Nacional na França, podemos fazer reflexões acerca do crescimento dos demais partidos de extrema direita na Europa. A teoria da *Terceira onda democrática* proposta por Samuel Huntington foi utilizada como base para a análise em questão, uma vez que entre as ondas democráticas ocorrem as ondas reversas (ondas conservadoras) periodicamente. Como suporte para abordar as características do fascismo, utilizamos os estudos de Leandro Konder – *Introdução ao Fascismo*. Na tentativa de analisar as possíveis mudanças ocorridas na Frente Nacional que possam ter impulsionado a ascensão do partido, utilizamos o teorema do eleitor mediano de Anthony Downs. Segundo Downs, partidos que se posicionem muito ao extremo de um espectro político tendem a ter dificuldade de ampliar seu eleitorado, e conseqüentemente, de ganhar eleições. As fontes primárias de conteúdo foram documentos da Frente Nacional e dados estatísticos de eleições. Produções acadêmicas acerca do tema e notícias de jornais como *The Independent*, *The Economist*, *Le Monde*, *The New York Times*, e *BBC* foram as fontes secundárias.

O desenvolvimento do trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, as ondas conservadoras são contextualizadas conjuntamente com os indícios da manifestação de uma nova onda de caráter reacionário na Europa, representada pelo crescimento da extrema direita. Como o objeto de estudo é a Frente Nacional, um enfoque maior foi dado para o conceito e ascensão do fascismo, a primeira onda

conservadora. Além do mais, as semelhanças e as diferenças entre o fascismo europeu e a onda conservadora atual são observadas. A imigração é um dos, se não o tópico mais atacado pela Frente Nacional, e pela a extrema direita em geral. A segunda parte faz um apanhado de como a questão da imigração e dos imigrantes foi conduzida pela França e pela sua população ao longo dos anos. Por meio dessas informações, interpretar se essa condução de alguma forma contribuiu para criar condições para a ascensão da Frente Nacional. A queda da bolsa de valores de 1929 que resultou numa intensa crise financeira foi uma das grandes causas para a popularidade do fascismo na década de 30. Logo, nessa sessão também foi abordada de forma breve a crise econômica de 2008 e suas consequências para a França. Após realizadas as considerações sobre se a conjuntura francesa pode ter facilitado a evolução da extrema direita, entramos no objeto de pesquisa do trabalho. A terceira parte compõe a história da Frente Nacional como partido, desde sua fundação até seus anos mais recentes. Busca-se entender as principais características e o desempenho do partido ao longo de sua trajetória, principalmente sob a liderança de Jean-Marie Le Pen, até então a principal figura do partido e o único presidente. A partir de 2011, Marine Le Pen, filha de Le Pen, assumiu a presidência e desde então tem realizado mudanças significativas dentro do partido. O discurso da Frente Nacional passou a ser mais lapitado e menos repulsivo, ainda que tenha mantido o rigor ideológico original. A quarta parte abordou a trajetória de Marine Le Pen e seu desempenho surpreendente como dirigente do partido. As mudanças promovidas por Marine Le Pen são os pontos de referência para a reflexão sobre sua atuação como líder da Frente Nacional. A liderança de Marine Le Pen parece ter impulsionado o crescimento do partido, uma vez que desde que assumiu a presidência a Frente Nacional tem tido um desempenho inédito e crescente, nunca antes alcançados pelo partido de Jean-Marie Le Pen.

2 As ondas conservadoras

Em *A Terceira Onda Democrática*, Samuel Huntington investiga as ondas democráticas, as quais são representadas pela transição simultânea de regimes políticos autoritários para regimes democráticos em um grupo de países. As ondas chamadas reversas são manifestadas nos períodos entre as ondas democráticas, e são caracterizadas pelas fases de regimes autoritários. Huntington aponta que as ondas reversas ocorreram nos períodos de 1922 a 1942, período de ascensão dos partidos fascistas no leste europeu, e de 1958 a 1975, período das ditaduras militares na América Latina. A terceira onda democrática, objeto final de sua pesquisa, teria iniciado em 1974 e terminado em meados dos anos 90. É perceptível no estudo realizado por Huntington uma tendência cíclica de arranjos políticos entre os países, variando entre regimes de caráter totalitário e conservador e regimes democráticos. Seguindo o mesmo princípio periódico, a próxima onda reserva, em teoria, teria iniciado por volta do final dos anos 90. Por mais que não se identifique um fenômeno de mudança de sistemas democráticos para sistemas totalitários, houve uma clara ascensão de partidos com ideais conservadores que apresentam alguma ligação com as concepções de regimes autoritários do passado. No caso europeu, os partidos atuais de extrema direita manifestam semelhanças significativas com os partidos fascistas da onda reversa de 1922 (HUNTINGTON, 1994).

O fascismo é uma categoria dentro da ideologia política de direita, ideologia que já pressupõe certo conservadorismo, uma vez que implica a existência de forças sociais empenhadas em conservar privilégios e determinado sistema socioeconômico. O conceito de fascismo não deve ser confundido com ditadura ou regime autoritário, ele foi uma nova concepção política de direita. Com conteúdo social conservador, o fascismo é guiado por um pragmatismo radical, reduzir fenômenos complexos a crenças e assumi-las como verdade absoluta, o qual é sustentado por um nacionalismo exacerbado. O contexto do surgimento do fascismo foi: países arrasados pela Primeira Guerra Mundial, a crise econômica de 1929 que provocou altos índices de desemprego, o capitalismo em fase imperialista que trouxe muito descontentamento para a comunidade, medo generalizado do comunismo, e democracias frágeis e instáveis que se mostravam incapazes de deter a ameaça

comunista. Os fascistas encontraram no mito da nação um princípio sagrado de pátria, de valor supremo e incontestável, o qual serviu tanto para justificar seu pragmatismo radical e direcionar seus combatentes, quanto satisfazer as reivindicações de uma comunidade insatisfeita com sua situação. Os fascistas uniram os conceitos de povo, nação e Estado, deixando-os quase que inseparáveis. Essa união trouxe à tona a concepção de uma comunidade nacional imaginária, tal percepção tinha a capacidade de preencher o vazio deixado pela crise trazendo um sentimento de pertencimento entre os cidadãos. O nacionalismo fascista apresenta caráter defensivo, pois evidencia as mágoas de um povo devido à exploração pelo capital estrangeiro e a indignação contra as imposições de outras nações. Cultuava-se um passado grandioso da nação, ressaltando a recuperação do orgulho nacional que teria se perdido. Os fascistas também identificaram os “inimigos da nação”, os supostos responsáveis pela perda de sua grandeza, alimentando sentimentos de culpa e punição em relação a eles. É importante destacar que o movimento fascista era intolerante com qualquer tipo de movimento de esquerda. O processo de “demonização” da esquerda, realizado pelos pensadores de direita durante o século XIX, acabou colaborando para a preparação das condições para a ascensão do fascismo. O fascismo era declaradamente anticomunista, considerando os comunistas como inimigos da nação, concepção que frequentemente se estendeu para o racismo, antissemitismo e xenofobia, rejeitando aqueles que não eram considerados “nacionais”. O fascismo foi um fenômeno de caráter chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, militarista e nacionalista (KONDER, 1977).

A segunda onda conservadora floresceu entre os anos 60 e 70, num contexto de uma ordem mundial bipolar dividida entre os Estados Unidos e a União Soviética. Nesse período, como aponta Huntington, houve um movimento global de afastamento da democracia. A tendência a regimes autoritários ocorreu principalmente nos países da América Latina. O fenômeno também foi observado em países da Ásia como Paquistão, Coreia, Indonésia, Filipinas, Índia e Taiwan. Na África, 33 dos países que se tornaram independentes com a descolonização do continente se converteram para regimes autoritários. Esses regimes autoritários da época se manifestaram na forma de sistemas de partido único, regimes militares e ditaduras personalizadas. A conversão para regimes autoritários teve caráter global:

‘em 1962, segundo uma avaliação, 13 governos no mundo eram resultados de golpes de Estado; em 1975, havia 38’ (HUNTINGTON, 1994, pp. 30). Na América Latina, a mudança para regimes políticos com feições autoritárias foi marcada pelos golpes de Estado, como ocorreu nos seguintes países: Peru, Brasil, Bolívia, Argentina, Equador, Uruguai e Chile. Sob esse cenário, é importante considerar que a ordem internacional passava por um contexto de Guerra Fria, onde as duas superpotências mundiais se confrontavam com dois ideais distintos, o capitalismo e o comunismo. Atualmente, é inquestionável a influência e a relação entre os golpes militares da América Latina e o interesse do capitalismo norte-americano. Sob o medo de uma possível ameaça comunista, a implementação de governos fortes serviria como defesa a possíveis movimentos revolucionários, numa espécie de reação conservadora contra o comunismo. Os regimes militares suprimiram a competição e a participação dentro do sistema político, centralizaram o poder, perseguiram e assassinaram os opositores ao regime (considerados inimigos do Estado), censuraram os meios de comunicação, recorreram a mecanismos de violência e tortura, e tinham um caráter extremamente nacionalista. A proposta dos governos militares era reestabelecer a ordem na nação (HUNTINGTON, 1994).

2.1 A terceira onda conservadora

O desempenho da Frente Nacional nas eleições francesas em 2014, que superou até as previsões mais favoráveis ao partido, foi um marco significativo da ascensão de uma nova onda de partidos conservadores na Europa. Esses grupos de extrema direita, os quais assumem uma postura conservadora e nacionalista radical, apresentando tendências anti-imigratórias, xenofóbicas, racistas, eurocéticas (crítica à União Europeia), protecionistas, e até mesmo neonazistas, tem conquistado cada vez mais espaços e popularidade na esfera política.

Nas eleições parlamentares de 2014 na França, a Frente Nacional (FN), partido de extrema direita, foi o partido mais votado obtendo 26% dos votos e garantindo 24 dentre os 74 deputados franceses para o Parlamento Europeu¹. Esse

¹ MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR. Résultats des élections européennes 2014. 2014. Disponível em: <[https://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Europeennes/elecresult__ER2014/\(path\)/ER2014//FE.html](https://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Europeennes/elecresult__ER2014/(path)/ER2014//FE.html)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

evento foi um símbolo do crescimento de partidos conservadores na Europa, uma vez que marca a vitória de um partido de extrema direita através de eleições democráticas, até então ocorrido no nazi-fascismo. Em 2017, nas eleições presidenciais, a candidata da FN Marine Le Pen obteve resultados impressionantes, derrotou os partidos tradicionais do país ao ir para o segundo turno contra o candidato Emmanuel Macron e bateu o recorde de números de votos já conquistados pelo partido. Na Áustria, o partido ultranacionalista FPÖ vem apresentando desempenho crescente desde 2002. Fundado por ex-nazistas na década de 50, o FPÖ se posiciona como defensor político das tradições da Áustria. Nas eleições legislativas, o partido que obteve 10% dos votos em 2002 atingiu os 26% em 2017, nas eleições para o Parlamento Europeu, o FPÖ foi de 6,3% dos votos em 2004 para 19,7% em 2014, e seguiu para o segundo turno nas eleições presidenciais em 2016². O Alternativa para Alemanha (AfD), partido populista de extrema direita fundado em 2013, mesmo com pouco tempo de existência tem ascendido cada vez mais na cena política da Alemanha. Nas eleições parlamentares de 2013, pouco depois da criação do partido, o AfD não elegeu nenhum parlamentar por obter pouco menos do mínimo de 5% dos votos para conseguir representantes. Já nas eleições de 2017, o partido recebeu 12,6% dos votos e conquistou 94 representantes, se tornando a terceira maior bancada do Parlamento alemão³. Em 2016, foi aprovado no Reino Unido o BREXIT: referendo que implicava na saída do país da União Europeia (UE). O primeiro ministro da época, David Cameron, se aliou ao Partido da Independência do Reino Unido (Ukip), partido eurocético radical de direita que ficou em primeiro lugar nas eleições parlamentares de 2014. Tal aliança contribuiu para promover a realização do referendo. Cameron se posicionou a favor da permanência do país no bloco, enquanto o Ukip, defensor de plataformas anti União Europeia desde os anos 90, utilizava como argumentos para a saída do bloco a ameaça à soberania nacional e a facilitação da imigração provocadas pela UE. O cientista político Thiemo Fetzer, ao realizar um estudo sobre as causas do BREXIT, apontou como um fator fundamental do processo a popularidade que o Ukip tem

² NOHLEN, Dieter; STÖVER, Phillip. Elections in Europe. Nomos Publishers, 2010.

³ DEUTSCHER BUNDESTAG. CDU/CSU remains strongest parliamentary group in the Bundestag despite losses. Disponível em: <<https://www.bundestag.de/en/#url=L2VuL2RvY3VtZW50cy90ZXh0YXJjaGI2ZS9lbGVjdGlvb0YyMDE3LzUyNzI4NA==&mod=mod453306>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

conquistado nos últimos anos no Reino Unido⁴. O Jobbik da Hungria é um partido de caráter conservador que se auto define como nacionalista radical, tendo como um de seus fundamentos a proteção da identidade e valores húngaros. O Jobbik foi fundado em 2003 e tem estado cada vez mais presente no cenário político do país. O partido obteve 2,2% dos votos nas eleições legislativas de 2006, e em 2018, se tornou o segundo maior partido na Assembleia Nacional da Hungria, com 26 representantes⁵. Mais ao leste da Europa, na Polônia, o dia da independência do país em novembro de 2017 foi palco de um dos maiores encontros da atualidade de ativistas da extrema direita na Europa, reunindo cerca de 60 mil pessoas. O evento, que é organizado anualmente por grupos conservadores, teve destaque na sua última edição pela sua dimensão e capacidade de atrair a extrema direita de outros países. Durante a marcha, manifestantes traziam cartazes com slogans como “Pure Poland, white Poland” e “Refugees get out”, enfatizando o caráter extremamente xenofóbico e conservador do evento. O protesto contou com a participação considerável de apoiadores do Lei e Justiça (PiS), partido polonês nacionalista conservador fundado em 2001, que atualmente tem o maior número de representantes no parlamento polonês⁶. O Kotleba, partido da Eslováquia considerado neonazista, exalta abertamente o legado de Josef Tiso, um líder eslovaco aliado ao nazismo alemão durante a Segunda Guerra Mundial e executado em 1947 por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. O partido tem como uma de suas principais plataformas o controle migratório, e seu atual líder, Marian Kotleba, é acusado de promover o racismo e o nazismo em seus discursos nacionalistas de ódio. O Kotleba que nunca antes havia conseguido cadeiras no Conselho Nacional da Eslováquia, nas eleições de 2016 conquistou 14⁷. Estes foram alguns exemplos da ascensão de grupos conservadores de extrema direita na

⁴ FETZER, Thiemo. Did austerity cause Brexit? Working Paper. 2018. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/soc/economics/research/workingpapers/2018/twerp_1170_fetzer.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

⁵ NATIONAL ELECTION OFFICE. ORSZÁGGYŰLÉSI KÉPVISELŐK VÁLASZTÁSA. 2018. Disponível em: <<http://www.valasztas.hu/dyn/pv18/szavossz/hu/l22.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

⁶ TAYLOR, Matthew. ‘White Europe’: 60,000 nationalists march on Poland’s independence day. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/nov/12/white-europe-60000-nationalists-march-on-polands-independence-day>>. Acesso em: 10 ago, 2018.

⁷ STATISTICAL OFFICE OF THE SLOVAK REPUBLIC. The Elections to the Slovak National Council of SR. 2016. Disponível em: <http://volby.statistics.sk/index-en.html>. Acesso em: 10 ago, 2018; TOMEK, Radoslav. Slovak Far-Right Party Leader Indicted for Promoting Nazism. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-07-27/slovak-party-leader-kotleba-indicted-for-promoting-nazi-ideology>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Europa, o que também pode ser observado em países como a Grécia, Itália, República Tcheca, Holanda, e Suécia.

Os partidos europeus de extrema direita da atualidade não devem ser encaixados na mesma categoria dos partidos fascistas, pois são movimentos e contextos completamente diferentes, no entanto, não podemos ignorar a conexão evidente entre eles. Os partidos atuais expressam a ligação com o fascismo de maneiras variadas, há os que apresentam um caráter fascista de maneira mais clara, como o Jobbik da Hungria e o Partido Nacional Democrata da Alemanha (NPD), sucessor do partido German Reich Party fundado por nazistas. Partidos como a Frente Nacional da França e o FPÖ da Áustria que possuem raízes e objetos fascistas, mas diferem do fascismo clássico, e os partidos que compartilham elementos do fascismo como a xenofobia, a anti-imigração e a islamofobia, porém, não possuem origens fascistas, como é o caso do Partido de Independência do Reino Unido (Ukip) e o Lega Nord da Itália (LÖWY, 2015).

Esses partidos abordam temas como imigração, economia e globalização de maneira semelhante. Em relação à imigração, a restrição de circulação de pessoas e as barreiras imigratórias são amplamente defendidas. Para a economia, assumem um posicionamento protecionista e uma aversão a acordos comerciais mais amplos, e apresentam tendência contrária à globalização e a movimentos de integração como, por exemplo, a União Europeia.

A onda conservadora atual não é um fenômeno exclusivo do continente europeu, podendo ser percebida também nos Estados Unidos com a eleição de Donald Trump e seu slogan "Make America Great Again", o qual compartilha dos mesmos princípios de retomar a grandeza do país, de uma economia protecionista e ações anti-imigratórias. Na América Latina, essa ascensão se aproxima da segunda onda conservadora, que se caracteriza pelo apelo à intervenção militar e pela ascensão de figuras como Jair Bolsonaro no Brasil. Os partidos conservadores latino americanos, devido ao diferente contexto em que se inserem, apresentam princípios bastante distintos dos partidos europeus. A imigração que é uma das pautas mais relevantes para os europeus, por exemplo, não é uma pauta tão pertinente na conjuntura latino americana. As pautas dos partidos conservadores em questão se caracterizam pela defesa de políticas de ideologia repressiva, culto à violência

policial, exaltação da ditadura militar, intolerância com a esquerda, com minorias de gênero, raça e orientação sexual, e levantam a bandeira da luta contra a corrupção e da restauração da ordem do país (LÖWY, 2015).

2.2 Semelhanças entre o fascismo e a onda conservadora atual

A onda conservadora de 1922 e a onda conservadora atual apresentam afinidade no arranjo econômico que as precedeu. Na primeira, a Europa enfrentava a quebra da bolsa de valores de 29, e na segunda, a crise financeira internacional de 2008. Em ambos os casos a instabilidade econômica provocou grande crescimento nos índices de desemprego. O capitalismo em suas fases de crise potencializa sua condição inerente de competição e, conseqüentemente, a tendência desagregadora para a vida social. Uma situação de intensa competitividade afasta os indivíduos uns dos outros gerando um anseio destes em se integrar em comunidades que os agreguem. Sendo assim, o mito da nação e a restauração do orgulho nacional são capazes de resgatar o sentimento de pertencimento. A instabilidade econômica internacional do período entre guerras fez com que os Estados-nação buscassem amparo em suas economias nacionais. A crise econômica gerou forte diminuição do comércio e do investimento internacionais, reforçando as economias nacionais e práticas protecionistas. O nacionalismo, já reforçado pela Primeira Guerra Mundial, foi um elemento do qual os fascistas souberam explorar. Além da utilização de propagandas nacionalistas, os fascistas identificaram os inimigos externos da nação e os traidores dentro do próprio Estado, responsabilizando os comunistas, judeus, negros, e outras minorias pela degradação do país que passava por um período conturbado em termos econômicos. O nacionalismo conseguia trazer esperanças na forma de utopia para aqueles que desacreditavam nas demais ideologias e projetos políticos, o que explica o apoio popular recebido pelo fascismo (HOBSBAWM, 1991).

No entanto, as duas ondas conservadoras também apresentam diferenças significativas entre si. Diferentemente do fascismo, os partidos europeus de extrema direita não apresentam um expansionismo agressivo de transformar a nação em um grande império, não se manifesta uma aspiração de conquistar novos territórios em nome da pátria. Além disso, as políticas mais repressivas relativas à lei e ordem propostas por tais partidos não remetem a um autoritarismo, eles não expressam

intenção de desafiar ou se contrapor à democracia. Também é perceptível uma alteração entre os racismos manifestados por cada onda. Enquanto no fascismo e no nazismo o racismo estava muito ligado aos aspectos biológicos da raça, como por exemplo, a proposta da raça ariana, os partidos conservadores contemporâneos tendem a expressar seu racismo sob uma perspectiva mais cultural.

Os movimentos nacionalistas posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, da segunda metade do século XX, foram essencialmente separatistas e destacavam as diferenças étnicas e linguísticas entre os povos. Esses movimentos procuravam distanciar as forças da modernidade, rejeitando as formas modernas de organização política. Nesse período, ocorreram rápidas transformações socioeconômicas que enfraqueceram as economias nacionais, como a transformação internacional da divisão de trabalho, as multinacionais e transnacionais. As economias nacionais foram aos poucos sendo substituídas por grandes associações entre os Estados como a Comunidade Econômica Europeia (CEE), antecessora da União Europeia, e o Fundo Monetário Mundial (FMI). A revolução tecnológica dos transportes e da comunicação promoveu o livre movimento dos fatores de produção pelo mundo. Tais mudanças resultaram na globalização, processo de aproximação das nações, o qual provocou uma onda maciça de migração internacional, a maior desde 1914. O número de organizações internacionais, intergovernamentais e não-governamentais, também aumentou consideravelmente, indo de aproximadamente 955 em 1951 para 4980 em 1984. A presença mais evidente de estrangeiros no território retoma a concepção da fragilidade das raízes familiares e da identidade da nação. Os impactos da modernidade geram reações defensivas de tendência conservadora, de caráter nacionalista e étnico que exclui aquele que não é considerado como integrante da nação. Os partidos conservadores contemporâneos defendem a concepção de identidade e valores nacionais, prometendo resgata-los. Eles consideram a imigração e a globalização como ameaça e causa de uma perda da identidade nacional, responsabilizando principalmente os imigrantes e as minorias religiosas (KONDER, pp. 15). O nacionalismo apresenta um potencial de aceitação universal dentro da comunidade, afinal, quem iria se opor a nação? No entanto, os partidos nacionalistas e separatistas na verdade representam interesses de grupos setoriais e minoritários, e não do todo. A ideia de nação, de uma comunidade imaginária, é

um instrumento político do qual os partidos nacionalistas, com o auxílio da instabilidade econômica, retomam moldando-o para atingir seus próprios objetivos (HOBBSAWM, 1991).

Segundo Hainsworth, a imigração é provavelmente a questão mais importante para os partidos de extrema direita. Na próxima sessão, iremos analisar como a questão da imigração e as condições dos imigrantes foram conduzidas na França ao longo dos anos. Através dessa análise, podemos interpretar como esse elemento contribuiu ou não para criar condições para a ascensão da extrema direita no país, mais especificamente da Frente Nacional (HAINSWORTH, 2008).

3 Imigração e crise econômica

A imigração é um dos tópicos que recebe maior atenção dos partidos de extrema direita, e também é frequentemente apontada como principal razão da ascensão desses partidos. No caso da FN, a redução da imigração foi defendida desde os primeiros anos do partido, porém, não com a mesma ênfase que recebe hoje em dia. A partir dos anos 80, a exclusão de imigrantes não europeus foi ganhando cada vez mais força e importância. O partido assumiu uma postura de lidar com a imigração como uma questão de segurança, associando os imigrantes ao crime, desemprego e terrorismo. Ironicamente, maiores fluxos migratórios e a presença contínua de estrangeiros beneficiam a Frente Nacional. Combater a presença de imigrantes e evitar possíveis fluxos migratórios para o futuro se tornou um dos maiores objetivos e pilares da FN. Mesmo com uma política xenófoba, números mostram que a FN teve os melhores resultados em regiões mais povoadas por estrangeiros, e não em locais tradicionalmente *all-french*, os quais são as referências de modelo para o partido do que deveria ser a França. As comunas próximas àquelas com números expressivos de estrangeiros foram os locais onde o partido recebeu o maior número de votos (SHVETS, 2014).

Outro elemento fundamental para se compreender a ascensão da Frente Nacional é a crise econômica. A Crise Europeia, derivada da crise econômica internacional de 2008, tem impulsionado a popularidade de partidos nacionalistas como a FN. O aumento do desemprego, provocado pela crise, é frequentemente associado ao sucesso da FN. A receptividade dos partidos nacionalistas tende a ser maior entre os desempregados e aqueles que estão mais vulneráveis à recessão da economia europeia. O aumento do desemprego intensifica o descontentamento da população principalmente com os partidos políticos já estabelecidos, levando os eleitores a buscarem partidos alternativos. A FN tem constantemente correlacionado o desemprego à presença de estrangeiros. A concentração de votos que o partido recebeu em áreas com maiores presenças de imigrantes pode indicar um sentimento de medo em relação aos imigrantes diante de uma intensa competição por empregos (ANTTILA, 2017).

Apesar de serem variáveis independentes, a imigração e o desemprego parecem ter atuado paralelamente na ascensão da Frente Nacional. A ligação entre imigração e desemprego como variáveis dependentes, sugerida pelo partido, aparenta ter uma receptividade maior num contexto de crise e instabilidade econômica. Compreender os processos e discussões sobre a presença de imigrantes no país assim como as crises econômicas e inquietações sociais é fundamental para entender o sucesso da Frente Nacional (SHVETS, 2014).

3.1 A imigração na França desde o fim da Segunda Guerra Mundial

Após a Segunda Guerra Mundial, a França, que precisava reconstruir-se após o conflito, se encontrava com um déficit demográfico e escassez de mão de obra, o que representava um obstáculo para sua reconstrução. Isso levou o país a construir bases para uma política de atração de trabalhadores estrangeiros para o seu território⁸. Em novembro de 1945, o *Office National d'Immigration* foi criado com o intuito de controlar os fluxos migratórios e também para encorajar a vinda de imigrantes para o país. Alguns trabalhadores estrangeiros chegaram a ser recrutados até mesmo em seus países de origem. Durante os anos logo após a guerra, a maioria desses imigrantes eram portugueses e argelinos. Nos anos 60, o número de imigrantes na França atingiu seu ápice, segundo o Institut National d'Études Démographiques, a população de origem estrangeira aumentou de 44 mil para 317 mil num intervalo de dez anos. Nesse período, a economia francesa se encontrava em expansão, o que significava uma demanda maior de imigrantes para trabalhar no país. A Argélia, país colonizado pela França desde 1830, teve sua guerra de independência no período de 1954 a 1962. A agitação promovida pelo conflito também contribuiu para o aumento significativo do número de imigrantes argelinos. Pelo fato da Argélia ser uma ex-colônia francesa, os argelinos tinham o direito de livre circulação na França até 1964, quando esse direito foi suspenso pelo país. Em 1968, movimentos sobre a questão da imigração e denúncias sobre as condições de vida dos imigrantes começaram a eclodir e ganhar mais visibilidade. Paralelamente, o governo francês adotou uma política visando restringir a imigração,

⁸ MUSÉE DE L'HISTOIRE DE L'IMMIGRATION. L'histoire de l'immigration en France après 1945. Disponível em: <<http://www.histoire-immigration.fr/des-ressources-pour-enseigner/parcours-histoire-de-l-immigration-en-france-depuis-1945/premiere>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

evidenciada pelos acordos bilaterais assinados com a Argélia que visavam diminuir o número de imigrantes e pelo aumento da expulsão de argelinos do território (REIS, 2006) (HAAS, 2006) (FAERMANN, 2013) (Musée national de l'histoire de l'immigration).

Em meados dos anos 70, a França deu fim em sua política de atração de mão-de-obra estrangeira. O país enfrentou uma recessão econômica durante o período, principalmente devido ao impacto do embargo petrolífero árabe em 1973. O embargo impactou a economia aumentando consideravelmente o preço de energia na França, causando grande contração econômica que resultou em uma onda de desemprego em massa no país. Devido à crise, a França enfrentava greves operárias de dimensões recordistas, as quais atingiram grandes indústrias como empresas de mineração e a Renault Car Company. A participação dos trabalhadores estrangeiros nessas greves teve destaque, o que promoveu uma maior visibilidade política aos estrangeiros. O ativismo imigrante se intensificou, grupos de auxílio aos imigrantes começaram a florescer pelo cenário político do país. No entanto, assim como o ativismo imigrante cresceu, as reações contrárias ao movimento em forma de manifestações racistas e xenofóbicas como a própria criação da Frente Nacional também aumentaram. Devido à crise econômica, o governo francês aumentou o controle imigratório, principalmente para os imigrantes ilegais. O governo assumiu uma postura de desencorajar a vinda de imigrantes, finalmente encerrando sua política de atração de estrangeiros (REIS, 2006) (SHEPPE, 2010).

Durante o mandato do socialista François Mitterand, nos anos 80, houve importantes progressos na consolidação do direito dos imigrantes. Um deles foi a adoção de uma nova legislação que incluía a liberdade de associação para os imigrantes. A nova legislação fomentou o surgimento de corporações de estrangeiros, impulsionando o ativismo imigrante. O ativismo em questão foi marcado pela segunda geração de imigrantes, que consistiu em imigrantes árabes das antigas colônias francesas no norte da África. Em 1983, as novas associações organizaram a "Marcha pela igualdade e contra o racismo", considerada pioneira do movimento antirracista nacional da França. O movimento reivindicava a proteção contra a expulsão, o direito de voto local para imigrantes, e a revisão da política para adquirir a nacionalidade francesa. No ano seguinte à marcha, uma importante organização não-governamental foi criada com o auxílio e apoio do Partido

Socialista francês, a SOS Racisme assumiu um papel de destaque no combate contra o racismo e na luta pelo movimento imigrante. A mobilização dos imigrantes da segunda geração deu maior visibilidade às suas reivindicações e pressionou cada vez mais o governo pelo reconhecimento de suas demandas. A questão da imigração se tornou uma discussão de primeiro plano dentro política francesa. A consciência de que a situação dos imigrantes não representava simplesmente um elemento provisório e marginal dentro da sociedade, mas sim uma discussão complexa e mais profunda passou a ganhar mais força. A noção do grau de enraizamento que os imigrantes e suas famílias tiveram dentro da sociedade desenvolvimento francesa ao longo dos anos ganhou cada vez mais peso e congruência no político da questão dos imigrantes no país (REIS, 2006).

À medida que a questão imigratória conquistou mais espaço no ambiente político, grupos de tendências xenófobas como a FN também se manifestaram. Por mais que a FN tenha tido um histórico instável em termos de resultados eleitorais, o partido mostrou ter sido capaz de direcionar e definir os termos sobre os quais as discussões sobre a imigração iriam se pautar no país. Durante os anos 90, houve um empenho político em reformar a política imigratória francesa, com ênfase em dificultar a entrada e a permanência dos estrangeiros. No entanto, o maior foco da discussão ficou para o questionamento da legitimidade que os estrangeiros estabelecidos teriam de permanecerem no território, sob o critério dos laços que os ligariam à França. Nesse período, medidas políticas restritivas foram alterando a legislação tornando cada vez mais difícil adquirir o direito de permanência e a concessão da cidadania através do casamento com franceses. Em 1993, a polícia francesa foi autorizada a abordar qualquer indivíduo com aparência de estrangeiro para verificar a legalidade da sua situação no país, colocando todos os estrangeiros sob uma condição de suspeita. Os governos que adotaram políticas mais restritivas na legislação de imigração, tanto os governos de direita quanto os de esquerda, justificaram sua conduta como uma forma de impedir a ascensão de grupos de extrema-direita como a FN. Ou seja, segundo uma lógica contraditória, esses governos implementaram demandas da FN com o intuito de barrar o seu crescimento. A política restritiva francesa se mostrou eficiente, pois desde o fim de sua política de atração de trabalhadores estrangeiros em meados dos anos 70, a

população estrangeira se estabilizou no país, chegando até mesmo a diminuir (REIS 2006).

A política da nacionalidade francesa foi uma pauta que passou a ser contestada. De um lado, a segunda geração de imigrantes questionava a concessão da nacionalidade, sob a pauta do respeito ao direito à diferença. Do outro lado, a extrema direita lutava por uma ampla reforma na política de imigração, visando eliminar todas as modalidades de jus soli, ou seja, acabar com o princípio do direito de nacionalidade baseado no lugar de nascimento. Embora a reforma da política da nacionalidade não tenha tido a dimensão almejada pela FN, as mudanças ocorridas durante a década de 90 dificultaram ainda mais a aquisição da nacionalidade francesa para os filhos de imigrantes (REIS 2006).

O aumento de legislações restritivas ao longo dos anos provocou o surgimento de grupos vítimas das contradições existentes na legislação imigratória francesa, os *sans papiers*. Os *sans papiers* são os indivíduos que ingressaram legalmente no país, porém, devido às mudanças restritivas adotadas na legislação, se tornaram residentes ilegais. A nova legislação afrontou a antiga, criando um limbo jurídico em que os *sans papiers* foram colocados numa situação de não poderem ser legalizados e nem expulsos do país. Bastante ativos politicamente nos anos 90, os *sans papiers* organizaram inúmeras manifestações procurando dar visibilidade à sua situação, reivindicando que a imigração fosse tratada como um direito humano. A condição do imigrante parecia que iria melhorar em 1997 com a vitória do Partido Socialista (PS) na eleição legislativa, o qual apresentava em sua plataforma a revogação de certas medidas imigratórias restritivas. No entanto, poucas mudanças para os estrangeiros se concretizaram, possivelmente demonstrando certo receio do PS de se associar a medidas que favoreçam os imigrantes diante de um eleitorado que simpatiza com a FN (REIS 2006).

3.2 Os protestos de 2005

Os protestos e tumultos urbanos que eclodiram pela França em 2005, criaram um momento de medo normativo no país. A morte de dois jovens que estariam sendo perseguidos pela polícia em Clichy-sous-Bois, nos arredores de Paris, foi o

estopim para uma onda de protestos violentos. Os protestos chamaram atenção para as desigualdades dos guetos nos subúrbios dos bairros e da situação marginalizada dos jovens que neles moravam. As rebeliões de 2005 se destacaram das ocorridas no país em anos anteriores. Dessa vez, os episódios de violência urbana, além de mais perturbadores e duradouros, se alastraram para muito além de seus locais de origem nas periferias de Paris. O governo declarou estado de emergência nacional⁹, os manifestantes incendiaram cerca de nove mil carros, vários edifícios públicos e empresas. Não se pode afirmar que os distúrbios de 2005 foram conflitos de raça, pois não houve uma identificação clara de um grupo racial ou étnico por parte dos protestantes, além do mais, a ausência de uma categorização racial nas estatísticas administrativas da França também dificultou uma associação desse tipo. No entanto, grande parte dos manifestantes eram *beurs*: indivíduos nascidos na Europa com pais ou avós nascidos na África. Além disso, os locais dos protestos eram zonas urbanas sensíveis marcadas pela pobreza, por altos índices de desemprego e estreitamente alinhadas aos principais locais de estabelecimento de imigrantes recentes vindos da África Subsariana. Segundo Jobard, a ameaça de rebeliões parece estar relacionada ao grau em que as populações urbanas estão socialmente segregadas do resto da população. Tal correlação indica que a segregação urbana e as recentes atividades migratórias desempenham um papel significativo no desencadeamento de revoltas, sendo muitas vezes mais relevantes que variáveis como pobreza e raça. Os protestos foram parte de um ciclo eleitoral que foi iniciado em 2002, onde as eleições presidenciais da França foram marcadas pela presença de Jean-Marie Le Pen da FN no segundo turno. A campanha eleitoral de 2002 foi voltada para questões de lei e ordem, mais especificamente com foco em crimes cometidos por jovens de origem estrangeira. Os meios de comunicação da época enfatizavam de forma alarmista uma suposta onda de crimes no país¹⁰. Os protestos de 2005 afetaram a mobilização eleitoral na França. As autoridades francesas trataram os movimentos de protesto como manifestações meramente delinquentes, negligenciando os motivos políticos que desencadearam os protestos. O então ministro do Interior,

⁹ CHRISAFIS, Angélique. 'Nothing's changed': 10 years after French riots, banlieues remain in crisis. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/oct/22/nothings-changed-10-years-after-french-riots-banlieues-remain-in-crisis>>. Acesso em: 23 set. 2018.

¹⁰ GARRIGOS, Raphaël; ROBERTS, Isabelle. L'insécurité, programme préféré de la télé. 2002. Disponível em: <https://www.liberation.fr/evenement/2002/04/23/l-insecurite-programme-prefere-de-la-tele_401313>. Acesso em: 23 set. 2018.

Nicholas Sarkozy, no auge dos confrontos considerou os acontecimentos como atividades criminais, declarando uma política de tolerância zero com a violência urbana. Sarkozy determinou a expulsão de todos os estrangeiros suspeitos de envolvimento nas rebeliões, se referindo aos manifestantes como *recaille*¹¹, equivalente à “escória” no português, termo que pode apresentar conotação pejorativa racial e étnica implícita. Ainda como ministro do Interior, Sarkozy apresentou uma série de medidas anti-imigração ao Parlamento francês (JOBARD, 2009).

3.3 A crise econômica

A França começou a sentir o efeito da crise econômica internacional no começo de 2008. A economia francesa entrou em colapso e o governo começou a temer cada vez mais o desemprego que aumentava conforme a recessão econômica se instalava no país. Crise e desemprego são fenômenos correlacionados, quando uma crise financeira afeta determinada economia, a perturbação é geralmente seguida por uma onda de desemprego. A crise financeira aumenta a insegurança e instabilidade nas relações entre bancos e empresas. As empresas pequenas acabam sendo as mais afetadas no processo por não conseguirem financiamento dos bancos para pagar suas dívidas, e por isso, acabam fechando as portas. O colapso de empresas provoca um aumento nos índices de desemprego. Em novembro de 2008, o número de desempregados na França cresceu 8,5% em relação ao ano anterior, superando 2 milhões de desempregados. O desemprego afetou mais rapidamente jovens menores de 25 anos, dos quais muitos foram dispensados pelas firmas que começaram a cortar os empregados de contratos mais curtos e temporários. Um dos setores mais delicados para o governo francês durante a crise foi a indústria de carros, pois o setor contrata cerca de 700 000 pessoas no país e, indiretamente, emprega 2,5 milhões¹². O aumento do desemprego provoca queda no padrão de vida da população, que precisa adaptar

¹¹ L'HUMANITÉ. La boîte de Pandore de Sarkozy. 2005. Disponível em: <<https://www.humanite.fr/node/337843>>. Acesso em: 23 set. 2018.

¹² THE ECONOMIST. A time of trouble and protests. 2009. Disponível em: <<https://www.economist.com/europe/2009/01/22/a-time-of-troubles-and-protest>>. Acesso em: 23 set, 2018.

seus hábitos ao novo contexto econômico, o que gera o descontentamento com a ordem política e radicalização do eleitorado (SHVEST, 2014) (DUMOULIN 2009).

A crise provocou uma inquietação social na população francesa. Em março de 2009, cerca de 3 milhões de pessoas protestaram nas ruas contra a postura do então presidente Nicolas Sarkozy diante da crise econômica. Observou-se neste período um crescimento do ativismo estudantil ligado à esquerda. Dentre as demandas dos protestantes estavam: aumento para assalariados, mais medidas de proteção ao emprego, aumento de impostos para os que ganham salários muito altos, e a suspensão dos cortes de servidores planejados pelo setor público¹³. Ao que parece, a crise econômica reanimou os movimentos de protestos na Europa. Na reunião de 60 anos da OTAN, aliança política e militar dos países do Atlântico Norte da qual a França faz parte, manifestações anti-OTAN deixaram rastros de destruição em Estrasburgo, cidade francesa que divide fronteira com a Alemanha. O protesto trazia manifestantes que faziam campanha contra a globalização e manifestantes em favor da paz, que se uniram em oposição à reunião do OTAN. Os manifestantes ergueram barricadas, atiraram pedras e queimaram três prédios até serem coagidos pela tropa de choque¹⁴.

3.4 A Primavera Árabe

Em 2011, a instabilidade de países do Norte da África provocou inúmeras revoltas e manifestações em prol da democracia, e em alguns casos, a queda de regimes políticos como ocorreu com a Tunísia e o Egito. A Primavera Árabe, como ficou conhecida essas mobilizações e revoltas nos países do Mediterrâneo, provocou um intenso êxodo de imigrantes ilegais para países da União Europeia em busca de melhores condições de vida. O fenômeno trouxe a tona uma rota inédita de fluxo migratório. Antes da Primavera Árabe, a fronteira entre a Grécia e a Turquia era uma das rotas mais escolhidas pelos estrangeiros, contendo os maiores fluxos migratórios e considerada como o local mais problemático de entrada de imigrantes

¹³ THE INDEPENDENT. Bossnapped! (It's French for industrial action). 2009. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/bossnapped-its-french-for-industrial-action-1660019.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

¹⁴ CASTLE, Stephen; ERLANGER, Steven. Riots erupt near bridge that links 2 countries. 2009. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2009/04/05/world/europe/05protest.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

no continente europeu. No entanto, com a Primavera Árabe novos fluxos imigratórios começaram a aparecer ao Centro do Mediterrâneo, principalmente para a ilha italiana de Lampedusa. No começo de 2011, a ilha recebeu um fluxo de 5 mil imigrantes em 5 dias. As condições dos imigrantes eram precárias e preocupantes. Os acontecimentos levaram o governo da Itália a declarar estado de emergência humanitária, o que agilizaria o processo de utilização dos recursos financeiros disponibilizados pela União Europeia (MARCELINO, 2012).

A globalização promoveu maior abertura das fronteiras e das sociedades. Com os avanços tecnológicos das comunicações, as informações chegam de forma rápida e abrangente pelo mundo. A mídia e a opinião pública pressionaram os países do ocidente a prestar auxílio às populações diante da situação desumana. As condições precárias que os imigrantes ilegais que cruzavam o Mar Mediterrâneo se encontravam evidenciou a necessidade de apoio em nível de crise humanitária, levando à intervenção de diversas autoridades. A imprensa mundial, que se colocava a favor da democracia diante dos conflitos, passou a acusar a União Europeia de não diferenciar refugiados de imigrantes criticando sua postura de preocupação exagerada em relação à imigração ilegal. As autoridades estavam sendo pressionadas, principalmente pela opinião pública, a encontrar uma solução rápida para a situação dos milhares de imigrantes que cruzaram a fronteira. Até março de 2011, desconsiderando as centenas de desaparecidos, pelo menos 18 mil imigrantes desembarcaram na ilha italiana de Lampedusa (MARCELINO, 2012).

A possibilidade da Itália emitir autorizações temporárias de residência aos refugiados vindos do Norte da África esbarrou no desacordo entre o governo italiano e o governo francês. A França, que divide fronteira com o país no norte da Itália, ameaçou encerrar temporariamente e excepcionalmente a fronteira de Ventemiglia, comuna italiana, e suspender as ligações ferroviárias nos Alpes. Figuras como Marine Le Pen, líder da FN, fizeram campanha contra a imigração de tunisianos e líbios para a Europa¹⁵. Como justificativa, a França alegou que o país não iria acolher os imigrantes ilegais e que estes poderiam viajar para outros países da Europa. A atitude do governo francês contrariou os acordos de Schengen que são

¹⁵ SQUIRES, Nick. Marine Le Pen planning Italy trip to condemn North African refugees. 2011. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/8369131/Marine-Le-Pen-planning-Italy-trip-to-condemn-North-African-refugees.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

relativos à livre circulação de pessoas dentro da União Europeia. A contradição aos acordos de Schengen levantou questionamentos acerca da própria existência da UE. O conceito de solidariedade da UE foi contrariado pela sua concepção apresentada de considerar a imigração ilegal como ameaça grave à ordem pública e à segurança interna. A Primavera Árabe representou novos desafios de segurança interna e externa para o continente europeu. Ao não se posicionar imediatamente diante da situação, a UE ficou suscetível a receber mais críticas da imprensa internacional e da opinião pública, descredibilizando a imagem do bloco. Os conflitos entre Roma e Paris indicaram um posicionamento xenofóbico da UE perante a crise humanitária em Lampedusa. Em agosto de 2011, cerca de 50 mil imigrantes ilegais já teriam tentado entrar nas fronteiras da Europa em busca de segurança defronte da crise e instabilidade do Mediterrâneo (MARCELINO, 2012).

Apesar da intensa preocupação com a imigração ilegal, a imigração já se tornou uma tendência inerente do continente europeu. Mesmo com o aumento do fluxo de imigratório anual para cerca de 2 milhões de imigrantes, as sociedades europeias demonstram um nível satisfatório de integração com seus imigrantes. Os estrangeiros se encontram consolidados nas populações através da segunda geração que compõe indivíduos já nascidos nos países que receberam seus familiares. O debate sobre a questão da imigração tanto sob a dimensão da entrada quanto a dimensão da integração dos estrangeiros já é recorrente nos governos europeus. Apesar da integração da maioria dos imigrantes parecer ser de forma pacífica, sondagens apontam que de modo geral a imigração é percebida de forma negativa e como um problema pelos cidadãos. Porém, a mão de obra imigrante consegue preencher o vácuo deixado pelos cidadãos nacionais ao não ocupar certos postos de trabalho. O debate trouxe para o campo político a necessidade da Europa se ajustar às novas realidades que a desafia. O posicionamento do continente indicou uma tendência de considerar a imigração como um problema grave de segurança (MARCELINO, 2012).

Ao longo dos anos, a França demonstrou uma tendência a considerar a imigração como uma questão de segurança. Tal tendência é evidenciada pela consolidação de políticas restritivas de imigração, pelas limitações impostas aos direitos dos estrangeiros já estabelecidos no país, e pela postura do governo francês diante de eventos como os protestos de 2005 e a Primavera Árabe. A concepção da

imigração como problema de segurança está diretamente relacionada à estigmatização dos estrangeiros como ameaça à integridade do país. A identificação dos imigrantes com a criminalidade e o desemprego compactua para que estes sejam considerados ameaças contra a preservação da ordem social e econômica. Políticas adotadas pelo governo francês, como a que autorizou policiais a abordar qualquer indivíduo que aparente ser estrangeiro, contribuíram para estigmatizar qualquer estrangeiro no país. Medidas como esta, questionam a fronteira interna entre ser cidadão nacional e ser estrangeiro, contribuindo para a intensificação da intolerância, xenofobia e, conseqüentemente, para a ascensão da Frente Nacional. Considerar os estrangeiros como ameaça justifica a restrição de seus direitos e liberdades. A globalização reforça a tendência de tratar o tema como problema ao reduzir as fronteiras e aproximar os Estados um dos outros. A invasão globalizante provoca uma reação política de querer fechar a fronteira e compreender a imigração como ameaça transnacional. Os imigrantes continuam a ocupar um lugar marginal na sociedade francesa e a luta política é fundamental para o reconhecimento de seus direitos. O que parece ter prevalecido na política francesa é considerar a imigração e os imigrantes como problema, o que abre as portas para partidos com discursos nacionalistas e xenofóbicos. Na sessão seguinte entraremos no objeto de estudo deste trabalho, a Frente Nacional (REIS, 2006).

4 A história da Frente Nacional

O partido *Front national pour l'unité française*, ou simplesmente Frente Nacional (FN), foi fundado em 1972 com o intuito de unir as forças de extrema-direita da França. No final da década de 60, a extrema-direita francesa era composta por grupos pequenos como o Occidente, Groupe Union Défense, e o Ordre Nouveau (ON). No segundo congresso do ON, em 1972, foi decidido a fundação de um novo partido político para disputar as eleições legislativas de 1973. O ON utilizou o Italian Social Movement (MSI), partido já estabelecido na Itália, como parâmetro para criar um movimento político mais abrangente. A logo escolhida para a FN foi uma nova versão da utilizada pelo MSI, que consistia em uma chama com três cores. O Action Française, considerado o primeiro movimento político fascista significativo¹⁶, é um dos ancestrais mais importantes da FN. O Action Française apresentava um pensamento fanaticamente religioso, porém, pecava ao apresentar uma coerência política radical, o que contribuiu para que o pioneiro do fascismo francês permanecesse desunido. A Guerra da Argélia foi um evento importante para a fundação da FN, vários de seus membros, como o próprio Jean-Marie Le Pen, estavam diretamente envolvidos no conflito. A FN foi capaz de reunir veteranos da guerra, monarquistas, o grupo nacionalista de Le Pen, o Partido da Unidade Francesa, entre outros grupos da extrema direita da época. Jean-Marie Le Pen foi o primeiro presidente do partido, escolhido por não ter sua imagem relacionada ao ON e por ser considerado como um indivíduo moderado da extrema direita. Na época, o programa do partido era relativamente ponderado e trazia um forte sentimento anticomunista, não se diferenciando muito claramente dos outros partidos de direita. Nos anos iniciais, Le Pen procurou unir as diferentes correntes dentro do partido e a repreender o ativismo mais impetuoso. No entanto, os grupos mais radicais remanescentes da ON se recusaram a assumir uma postura moderada e acabaram sendo banidos do partido, o que implicou numa grande perda da sua base militante. Ao mesmo tempo, a perda de membros importantes do partido acabou consolidando Jean-Marie Le Pen como líder máximo e indiscutível da FN. Nas eleições legislativas de 1973, o partido obteve apenas 0,5% dos votos, e nas presidenciais do ano seguinte, o candidato Le Pen também teve o rendimento baixo de 0,8% dos votos

¹⁶ KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

nacionais. Mesmo sendo o único candidato nacionalista, a campanha presidencial de 1974 de Le Pen falhou em apresentar algum tema característico próprio. As pautas defendidas pelo partido como o anticomunismo também eram comuns nos demais partidos de direita. Outras questões defendidas pela FN eram: aumento da taxa de natalidade de franceses, estabelecimento de um exército profissional, e de uma forma menos expressiva, a redução da imigração. Nas eleições de suplente em Dreux, comuna francesa, a FN conquistou 17% dos votos, mantendo a atenção da mídia para si. Pela primeira vez o partido era considerado como opção viável de aliança para a direita derrotar a esquerda, o que promoveu uma coligação entre a FN, o RPR e UDF. Juntos, os partidos venceram o segundo turno com 55% dos votos. Tanto a aliança quanto a vitória nas eleições de Dreux representaram uma importante ascensão da FN (SHIELDS, 2007) (DECLAIR, 1999) (KITSCHOLT, MCGANN, 1997).

O ano de 1984 foi um ano especial para o partido. Pela primeira vez, a FN apareceu numa pesquisa mensal de popularidade política em janeiro daquele ano, onde 9% dos entrevistados expressaram uma opinião positiva acerca do partido. Além disso, Le Pen foi convidado a participar de um programa de entrevistas na televisão durante o horário nobre. Nas eleições do mesmo ano para o Parlamento Europeu, a FN surpreendentemente conquistou 10 cadeiras e 11% dos votos. O sistema de representação proporcional que foi adotado acabou beneficiando os resultados da FN. Se em janeiro 9% dos entrevistados simpatizavam com o partido, em julho esse número cresceu para 17% (SHIELDS, 2007) (DECLAIR, 1999).

Nas eleições legislativas de 1986, o partido foi mais uma vez favorecido pelo sistema proporcional, conquistando 9,8% dos votos e 35 cadeiras na Assembleia Geral. Por mais que o partido ainda não tivesse um poder de influência política real, ele conquistou uma imagem de legitimidade política. Além do mais, a FN teve um bom desempenho nas eleições regionais do mesmo ano, garantindo representantes em 21 dos 22 conselhos regionais da França. O fato submeteu o RPR ao apoio da FN para ganhar a presidência em alguns dos conselhos, o que garantiu a vice-presidência para a FN em quatro regiões. Nesse período, a FN já apresentava propostas legislativas polêmicas de caráter reacionário e xenofóbico. Algumas de suas propostas eram: restaurar a pena de morte, restringir a naturalização, aplicar uma preferência nacional para empregos, impor impostos às empresas francesas

pela contratação de estrangeiros, expulsar estrangeiros que “cometem mais crimes que os franceses”, entre outras¹⁷. Como Primeiro Ministro, Jacques Chirac retomou o sistema majoritário para as eleições seguintes. Sem as vantagens do método proporcional, a FN conseguiu somente uma cadeira na Assembleia Geral nas eleições legislativas de 1988. Por outro lado, a campanha presidencial de Le Pen no mesmo ano foi considerada um sucesso obtendo, inesperadamente, 14,4% dos votos, o dobro de votos em comparação a 1984. Com tom populista, Le Pen foi o candidato que demonstrou maior capacidade de estimular o público em comícios e de aumentar a audiência em aparições de televisão. O principal tema de sua campanha foi a “preferência nacional”. Em 1997, o partido teve até então seu melhor desempenho nas eleições legislativas, atingindo 14,9% dos votos. O partido ainda avançou para o segundo turno em 132 distritos eleitorais. Mesmo tendo conquistado apenas uma cadeira na Assembleia Geral, a FN estava indiscutivelmente mais influente do que em 1986 quando tinha 35 cadeiras. As eleições de 1997 comprovaram a capacidade e estabilidade do partido de se lançar sem o seu principal líder, Le Pen, que estava focado para as eleições presidenciais de 2002 (SHIELDS, 2007) (DECLAIR, 1999).

A onda de atentados terroristas de 1995 em Paris impulsionou um crescimento de Jean-Marie Le Pen. Os ataques foram realizados por meio de bombas, sendo o mais grave deles o atentado ocorrido na estação de metrô de Saint Michel, que matou oito pessoas e deixou duzentas feridas. Os atentados foram oficialmente atribuídos a extremistas argelinos do Grupo Islâmico Armado (GIA), o que evidenciou que a França ainda estava submetida a enfrentar ameaças domésticas de revoltas políticas vindas da Argélia, sua antiga colônia. Diante do contexto de insegurança e medo provocados pelos atentados, ao estabelecer uma associação entre segurança e imigração, o líder da FN obteve uma forte impulsão eleitoral (WHITNEY, 1995) (NOSSITER, 2015).

As eleições presidenciais de 2002 foram um grande marco não só para a FN, mas para a história política da França. As pesquisas eleitorais apontavam um segundo turno entre os candidatos Jacques Chirac do UMP, sucessor do tradicional

¹⁷ FABRE, Clarisse. Entre 1986 et 1988, les députés FN voulaient rétablir la peine de mort et instaurer la préférence nationale. 2002. Disponível em: <http://felina.pagesperso-orange.fr/doc/extr_dr/prop_lois.htm>. Acesso em: 23 set. 2018.

RPR, e Lionel Jospin do PS. Inesperadamente, Jean-Marie Le Pen ultrapassou Jospin por 0,7% e avançou no segundo turno contra Chirac. Pela primeira vez na história da Quinta República francesa, um partido de extrema-direita ia para o segundo turno em eleições presidenciais, desbancando o PS, partido tradicional na competição. Também foi a primeira vez em 33 anos que o segundo turno presidencial não contava com a presença de um candidato de esquerda. A presença inesperada de Le Pen despertou atenção internacional. No país, a mídia e a opinião pública desaprovaram a figura de Le Pen. No dia do *May Day*, feriado nacional em vários países, cerca de 1,5 milhões de manifestantes anti-Le Pen protestaram contra o candidato em vários lugares da França. O partido era identificado como ultranacionalista de extrema direita, e Le Pen era constantemente acusado de racismo e antissemitismo. A campanha de Le Pen focou-se em questões de lei e ordem como o retorno da pena de morte. Sua campanha foi auxiliada pela cobertura acentuada da mídia acerca de episódios de violência. Incidentes violentos envolvendo jovens, principalmente os estrangeiros, estavam no centro das discussões. O partido chegou a associar a transgressão da lei e da ordem com a imigração, considerando esta como ‘ameaça mortal à paz civil na França’ (Shields 2007, pp. 284). Jacques Chirac acabou derrotando o candidato da FN de forma esmagadora com 82% dos votos, quebrando o recorde de diferença de votos entre candidatos no segundo turno de uma eleição presidencial (SHIELDS, 2007).

Uma nova fase que trouxe mudanças importantes para a imagem da FN se iniciou em 2011 com a mudança da presidência do partido. Jean-Marie Le Pen, que já havia anunciado sua saída do cargo em 2010, foi substituído por sua filha Marine Le Pen. Em 2011, Marine Le Pen assumiu a liderança da FN ao receber dois terços dos votos necessários para assumir o posto. Marine procurou suavizar a imagem xenofóbica do partido para torna-lo uma força política mais convencional. No final de 2011, a FN se retirou da Aliança dos Movimentos Nacionais Europeus, aliança entre partidos nacionalistas da extrema direita da Europa, e entrou para a Aliança Europeia para a Liberdade, uma associação mais moderada de partidos de direita eurocéticos. Como presidente, Le Pen foi clara em seu posicionamento protecionista e em sua crítica à globalização. Pesquisas de opinião demonstraram um aumento da popularidade da FN com a nova gestão de Marine Le Pen. Segundo as pesquisas eleitorais da eleição presidencial de 2012, a candidata da FN representava um

desafio para os demais candidatos, sendo apontada em algumas pesquisas como possível vencedora do primeiro turno¹⁸. Por mais que Le Pen tenha ficado em terceiro lugar, ela conseguiu o melhor resultado até então para o partido, com 17,9% dos votos. Em 2014, o desempenho da Frente Nacional nas eleições para o Parlamento Europeu chocaram a França e a União Europeia. A Frente Nacional ficou em primeiro lugar na eleição com 24,86% dos votos, garantindo 24 das 74 cadeiras do país. O resultado foi um marco não só para o partido, mas pela primeira vez um partido de extrema direita com pautas anti imigração e anti-UE foi vitorioso na eleição europeia¹⁹.

Com os atentados terroristas de 2015 em Paris, analistas declararam que os eventos reforçariam a posição de Marine Le Pen como possível candidata a presidência em 2017. Em novembro de 2015, uma série de ataques combinados atingiram diferentes locais de Paris. Homens bomba agiram em um estádio durante um jogo de futebol e vários tiroteios em massa e atentados suicidas atingiram cafés e restaurantes, deixando 130 mortos e em torno de 413 feridos. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) assumiu a autoria dos ataques alegando ser retaliação pelos ataques aéreos franceses contra alvos do ISIL na Síria e no Iraque. Um estudioso da École des Hautes Études de Sciences Sociales, Farhad Khosrokhavar, declarou que os atentados iriam provocar uma forte reação política contra os muçulmanos na França. Segundo ele, era presumível que houvesse uma mudança política para a extrema direita, que iria se fortalecer com o acontecimento. Antes mesmo dos ataques, Marine Le Pen já apostava na aversão ao islamismo, na imigração e abertura de fronteiras para conquistar apoio político. Em um discurso um dia após os atentados, Le Pen declarou que os franceses já não estavam mais seguros e clamou por uma repressão dos islamitas no país. A reação de Le Pen também sugeriu que o desastre que ela e a FN vinham alertando o país ao longo dos anos teria acontecido. Outra figura importante do partido, Florian Philippot, vice-presidente e conselheiro pessoal de Le Pen, alegou em um noticiário da TV que era

¹⁸ FROSCHE, Jon. Far-right's Marine Le Pen leads in shock new poll. 2011. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20110307-new-poll-far-right-marine-le-pen-presidential-frontrunner>>. Acesso em: 23 set. 2018; BAMAT, Joseph. New poll shows far right could squeeze out Sarkozy. 2011. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20110421-marine-le-pen-france-opinion-poll-presidential-election-sarkozy-strauss-kahn>>. Acesso em: 23 set. 2018.

¹⁹ THE ECONOMIST. The National Front's victory: France in shock. 2014. Disponível em: <<https://www.economist.com/charlemagne/2014/05/26/france-in-shock>>. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

“irresponsabilidade continuar a acolher imigrantes”. Maréchal-Le Pen, uma parlamentar do partido, declarou que a imigração preparava um terreno favorável para o islamismo. A FN soube aproveitar o momento de medo e luto que a França enfrentava para expandir sua influência e ressaltar suas pautas. Assim como seu pai fez nos atentados de 1995, Le Pen fez a mesma conexão entre terrorismo e imigração, discurso que naquele momento poderia se tornar bastante ressonante para a população e trazer o mesmo impulso eleitoral que recebeu Jean-Marie Le Pen. Analistas afirmam que essa conexão repetitiva entre imigração, islamismo e terrorismo tem tido forte impacto na concepção dos eleitores. Diferentemente da forma que agiu após o atentado ao jornal Charlie Hebdo no início de 2015, Le Pen moderou seu discursos e críticas ao governo, e associou-se à concepção de união nacional e luto. Além disso, Le Pen conseguiu trazer o centro da política na França para a direita, forçando o principal partido de centro-direita Os Republicanos (LR²⁰) a assumir uma postura mais rígida em relação à imigração. Os posicionamentos de Le Pen logo após os ataques foram posteriormente adotados pelo então presidente François Hollande do PS, partido de centro-esquerda (NOSSITER, 2015).

Nas eleições presidenciais de 2017, a FN chegou ao segundo turno pela segunda vez na história. O segundo turno foi marcado tanto pela presença de Le Pen quanto do candidato do En Marche! Emmanuel Macron, pois pela primeira vez a competição não contou com a presença dos partidos tradicionais nem da direita e nem da esquerda, os quais eram representados, respectivamente, pelos candidatos François Fillon do LR e Benoît Hamon do PS. Marine Le Pen liderou as pesquisas eleitorais de novembro de 2016 a janeiro de 2017, e por mais que tenha sido derrotada por Macron que obteve 66,1% dos votos no segundo turno, Le Pen teve um número expressivo de votos nunca antes atingidos pelo partido. Com 33,9% de votos no segundo turno, Marine Le Pen recebeu em torno de 10 milhões de votos, quase o dobro do recebido por seu pai, Jean-Maria Le Pen, em 2002 com aproximadamente 5 milhões de votos. Um diferencial da campanha de 2017 foi a moderação de certos temas, como por exemplo, a pena de morte, uma pauta tradicionalmente defendida pelo partido que foi substituída pela prisão perpétua para os crimes mais graves. Em termos percentuais, o desempenho da FN nas eleições parlamentares de 2017 em comparação com 2012 reduziu levemente de 13,6% para

²⁰ Sucessor do União por um Movimento Popular (UMP) e Reagrupamento para a República (RPR).

13,2% dos votos. No entanto, o partido elegeu 8 deputados, maior número que a FN já conquistou por meio do método majoritário e sua líder, Marine Le Pen, foi eleita para a Assembleia Nacional. Durante um congresso do partido em março de 2018, Le Pen propôs a renomeação do partido de Frente Nacional para *Rassemblement National*, semelhante ao nome utilizado pelo partido de extrema-direita *Rassemblement National Français* fundado nos anos 50. A mudança foi aprovada pelos membros do partido e anunciada em julho de 2018. A nova era do partido, representada por Marine Le Pen, trouxe conquistas importantes, a suavização da imagem da FN possivelmente impactou no desempenho eleitoral do partido. (NOSSITER, 2017).

5 A liderança de Marine Le Pen

Como líder, Marine Le Pen promoveu mudanças significativas na FN. Tais mudanças parecem ter impulsionado sua ascensão, uma vez que sob seu comando o partido atingiu resultados jamais alcançados perante a liderança de Jean-Marie Le Pen. Marine Le Pen conseguiu tornar um partido que teve por diversas vezes sua imagem e credibilidade prejudicadas pelas falas estrondosamente racistas de seu antigo líder em um partido mais atraente aos olhos dos eleitores. O processo iniciado por Le Pen de *de-demonizing* ou *desdemonização* – desconstruir impressão perversa – da imagem do partido modificou a percepção dos eleitores acerca da FN, ampliando sua capacidade de atrair votos. Já em sua primeira eleição como candidata do partido, Le Pen superou o alcance de votos de seu pai em toda a história do partido, e na eleição presidencial seguinte seguiu para o segundo turno, fenômeno vivenciado pela FN somente em 2002. A nova abordagem mais moderada de Marine Le Pen conseguiu atrair mais apoio para o partido, remodelando a imagem repulsiva da FN e melhorando a opinião dos eleitores sobre ela.

O processo de *desdemonização* da FN pode ser interpretado com base na obra de Anthony Downs – Uma Teoria Econômica da Democracia – onde o autor desenvolve o princípio do teorema do eleitor moderado – *median voter theorem*. Embora o teorema tenha sido contestado por diversas vezes, especialmente dada à ascensão recente de partidos extremistas, ele traz reflexões pertinentes a serem consideradas. De maneira simplificada, o teorema do eleitor mediano propõe a ideia que em um sistema de votos majoritário, o resultado da eleição inclina-se para a preferência do eleitor mediano – eleitor que se situa no centro da opinião pública, sem ideologia definida. Logo, partidos extremistas que se afastem muito do centro político, conseqüentemente dos eleitores medianos, tendem a ficar de fora dos cargos políticos uma vez que a preferência do eleitor mediano determinaria o resultado da eleição. Imaginemos dois extremos em polos opostos, de um lado a extrema-direita e do outro a extrema-esquerda. No ponto médio entre os polos, ou seja, no centro, estariam os eleitores medianos que não fazem parte nem da direita, nem da esquerda e nem dos extremos. Se determinado partido se posiciona no extremo de um dos polos, seu alcance eleitoral acaba sendo menor por atender a eleitores extremistas e se distanciar dos demais. Portanto, a maior chance de um

partido conseguir mais apoio é se movimentar em direção ao centro. Ao se direcionar mais o centro, o partido amplia sua capacidade de atrair eleitores, pois além dos extremistas ele pode atrair os eleitores que não estão situados no extremo, e diversificar seu eleitorado. Sobre o risco de esses partidos acabarem perdendo o eleitorado já conquistado, os eleitores extremistas naturalmente ainda seriam obrigados a votar no partido que esteja mais próximo de seus ideais, mesmo que este modere o seu extremismo. Em teoria, para aumentar seu eleitorado os partidos deveriam 'agradar a muitos pontos de vista diferentes ao mesmo tempo' (DOWNS, 1930, pp. 162). Segundo Downs, em sistemas bipartidários os partidos tenderiam a convergir ideologicamente no centro e a se assemelharem cada vez mais. Já nos sistemas multipartidários, os partidos se empenham em acentuar suas diferenças ideológicas para se destacar dentre várias opções. Partidos muito extremistas, no entanto, por assumirem posições muito radicais em relação a determinados temas, acabam limitando seu eleitorado. No caso da FN, o seu posicionamento radical acerca de temas como, por exemplo, o restabelecimento da pena de morte e a proibição do aborto, acabam impedindo eleitores de votar no partido mesmo que estes concordem com boa parte de seu programa. O eleitorado da FN de Jean-Marie Le Pen era limitado a determinados tipos de eleitores, o que garantia sua existência na arena política, mas não era suficiente para assumir posições políticas de relevância. Marine Le Pen soube suavizar posições muito radicais da FN de forma a ampliar seu eleitorado e ao mesmo tempo manter sua integridade ideológica. Le Pen se ocupou de reposicionar a FN para o *mainstream* político e reforçar a imagem de um partido como qualquer outro. Le Pen recusou o termo de extrema-direita para a FN, ameaçando processar quem a chamasse de extrema direita. Segundo ela, a FN não seria nem de direita e nem de esquerda, mas outro partido republicano. Marine Le Pen também assumiu uma postura firme de se dissociar de qualquer indício de simpatização com o Nazismo. A movimentação da FN para o *mainstream* político foi fundamental para reduzir a aversão dos eleitores em relação à FN e ampliar o apoio do partido (DOWNS, 1965).

Sob a liderança de Marine Le Pen, a FN mudou a conduta que esteve presente em quase toda a história do partido conduzida por Jean-Marie Le Pen. As mudanças promovidas por Le Pen iniciaram antes mesmo de assumir a liderança da FN. Em 2002, quando emergiu como voz proeminente dentro do partido, Le Pen já

alavancava mudanças. Esforços foram feitos pela aproximação do partido com comunidades de origem árabe com a participação na rádio Beur FM e na Al-Jazeera televisão, e com a comunidade judia, buscando amenizar a imagem racista e anti-semitista do partido. O objetivo de Le Pen foi *desdemonizar* a imagem de um partido marcado por uma oratória racista e contra minorias manifestada pelos seus membros, especialmente pelo seu líder. Marine Le Pen ameaçou expulsar do partido aqueles que pronunciassem comentários racistas em público, chegando até mesmo a suspender seu pai devido a suas declarações anti-semitistas. Além de corrigir o pessoal do partido, suas políticas e seus discursos também foram renovados. Na tentativa de reposicionar o partido para um patamar político mais convencional, a FN foi trazida para uma nova trajetória de se tornar um grande partido republicano. O ‘republicanismo’ explícito ganhou impulso na nova fase da FN. Os discursos de Le Pen apresentavam referências e exaltação da herança política da República Francesa. Um exemplo disso foi o destaque dado a Declaração dos Direitos do Homem e Cidadãos de 1789, documento que no passado já serviu para condenar a extrema direita. Marine Le Pen destacou a FN como o verdadeiro defensor dos valores tradicionais da República Francesa. No entanto, assumir os valores da República exige um novo discurso como princípio. O discurso de identidade étnico foi sendo alterado para um discurso com viés cultural. Um exemplo dessa alteração está na abordagem dada à questão da imigração. Le Pen passou a denunciar a ‘islamificação’ da França ao invés de denunciar os imigrantes islâmicos em si, o que traz uma postura política mais respeitável. As críticas passaram a ter foco na suposta incompatibilidade da cultura islâmica com a cultura francesa e com os direitos das mulheres. Marine Le Pen soube abordar as pautas defendidas pela FN de uma maneira mais suavizada e disfarçada, por mais que grande parte das questões ainda sejam as mesmas, elas são abordadas de maneira diferente, menos repulsiva e desagradável. Dessa forma, Le Pen conseguiu camuflar o teor racista da FN, mas ainda sim transmite sua mensagem de forma indireta (SHIELDS, 2013).

Marine Le Pen também ampliou a agenda do partido mudando sua antiga fixação com questões relativas à imigração. O programa atual da FN já não apresenta o mesmo núcleo de propostas que exibia durante os anos 80 e 90. Dentre essas propostas estavam: a repatriação de imigrantes residentes legais e a expulsão de imigrantes desempregados do território. Por mais que estes elementos não

tenham sido completamente excluídos da agenda do partido, eles são apresentados de forma mais atenuada e moderada, levando em conta a opinião pública e uma conduta política mais aceitável. Outros princípios clássicos do partido também foram alterados como a oposição ao aborto que passou a ser mais suavizada. A migração ainda tem protagonismo dentro das pautas da FN, mas Le Pen também soube abordar outras políticas como: pautas relativas à defesa como a retirada do país da OTAN, o euroceticismo e saída da UE, questões sociais e direito das mulheres (SHIELDS, 2013).

5.1 Eleição de 2012

A eleição presidencial de 2012 confirmou a Frente Nacional como terceira força política na França. Marine Le Pen ficou em terceiro lugar na competição, ficando atrás do candidato François Hollande do PS e do ex-presidente Nicolas Sarkozy do UMP. Le Pen teve uma performance impressionante, conquistou cerca de 2,5 milhões de votos a mais que Jean-Marie Le Pen obteve em sua última eleição presidencial em 2007, um crescimento eleitoral de 7,5%. O desempenho da FN também afirmou Marine Le Pen como liderança inquestionável do partido, posto que até então só tinha sido ocupado por seu pai. Outra característica distinta de Marine Le Pen foi o populismo. Le Pen trocou a abordagem provocativa de seu pai por um populismo e uma mensagem de fácil alcance. A extrema-direita apresenta por natureza características populistas: presença de um líder forte que clama ser o verdadeiro representante do povo e se diferencia dos demais políticos. No entanto, Le Pen elevou o populismo do partido, que já era de certa forma manifestado por Jean-Marie, para outro nível. A campanha para as eleições parlamentares, por exemplo, procurou trazer o aspecto personalista da figura de Marine Le Pen ao invés de se apegar ao nome do partido. Sob o lema ‘Rassemblement bleu Marine’ – Coletivo azul marinho em português, um trocadilho entre a palavra ‘marinho’ no francês e o nome Marine – a tentativa era de atrair os votos que a candidata teve na eleição presidencial para a parlamentar. As eleições parlamentares de 2012 também demonstraram um impulso do partido ao conquistar duas cadeiras na Assembleia Geral. Por mais que o número de deputados do partido não tenha sido expressivo, ele foi simbólico. Desde 1997, a Frente Nacional

não tinha conseguido nenhuma cadeira na Assembleia Geral, e desde 1988, o partido não tinha alcançado mais que uma cadeira no órgão (SHIELDS, 2007) (ANTTILA, 2017).

Outro fator que contribuiu para a *desdemonização* da FN foi a condução da campanha de Sarkozy que se orientou para um viés mais à direita. Ele adotou uma estratégia abertamente populista para atrair o eleitorado da extrema direita, consequentemente, os votos da FN. Sob a alegação de que haveria muitos imigrantes na França, Sarkozy prometeu a redução da imigração pela metade, além disso, também prometeu restringir os benefícios relativos ao bem estar social dos imigrantes. Dentre os principais focos da campanha de Sarkozy estavam: medidas anti-imigração, forte retórica sobre lei e ordem, ameaça de retirar a França dos acordos de Schengen da União Europeia se não houvesse um combate maior à imigração ilegal, e medidas protecionistas como a proteção da economia contra a competição estrangeira. Ao assumir posturas mais à direita como maior rigidez sobre pautas de imigração e de lei e ordem, especialmente em sua campanha de 2012, Sarkozy colaborou para que a distinção entre ser moderado e ser de extrema-direita se tornasse menos nítida e mais confusa. A estratégia de Sarkozy estava claramente voltada ao eleitorado de Marine Le Pen. Um editorial do Wall Street Journal de março de 2012 chegou a apelida-lo de 'Nicolas Le Pen' devido à sua postura xenofóbica. A postura de Sarkozy de declarar não ver nada de repreensível em votar na FN e considerar Marine Le Pen compatível com a República ajudou a naturalizar a imagem do partido frente à opinião pública. Em uma pesquisa realizada em 2012, próximo às eleições parlamentares, 51% dos participantes responderam que a FN era um partido como qualquer outro. Em outra pesquisa do mesmo ano, 53% dos participantes apresentaram uma percepção da FN como um partido perigoso, o que foi uma queda significativa ao comparada aos 70% apresentados em pesquisas de 2002 (SHIELDS, 2007) (ANTTILA, 2017).

A disputa de votos entre Le Pen e Sarkozy foi significativa para o resultado da eleição. Os votos da FN tem tido um impacto crítico nos resultados das eleições presidenciais desde 1998 (SHIELDS, 2007). Na eleição presidencial de 1995, estima-se que 2,3 milhões de votos de Jean-Marie Le Pen foram transferidos para o vencedor Jacques Chirac, que obteve uma margem 1,6 milhões de votos em relação a Lionel Jospin. Em 2002, a presença de Le Pen no segundo turno das eleições

assegurou a reeleição de Chirac, vitória que não estaria nada definida se Chirac tivesse enfrentado Jospin ao invés de Le Pen no segundo turno. Na eleição de 2007, a margem de vitória de Sarkozy foi de cerca de 2,5 milhões, enquanto 2,2 milhões dos seus votos teriam sido transferidos do eleitorado de Le Pen (SHIELDS, 2010). Como presidente, Sarkozy intensificou a expulsão de imigrantes ilegais, banuiu o uso de vestes islâmicas e as orações mulçumanas em lugares públicos. Ações como estas acabaram impulsionando um debate nacional sobre o que significaria ser francês e as condições para ser considerado como tal, demonstrando a preocupação de Sarkozy de transpor uma imagem de rigor à imigração e de defesa da identidade nacional. O recurso utilizado por Sarkozy demonstra um apelo aos eleitores da extrema direita, os quais tiveram papel crítico no resultado final da sua eleição em 2007. A mesma pegada nacionalista de proteção da identidade francesa ameaçada se tornou um dos focos da campanha eleitoral de Sarkozy em 2012. No entanto, no segundo turno da eleição, Sarkozy não conseguiu o número de votos de Marine Le Pen necessários para sua reeleição, recebendo entre 44% e 58% dos votos da FN (SHIELDS, 2013).

Inicialmente, a campanha de Marine Le Pen em 2012 teve um destaque maior para questões econômicas, no entanto, posteriormente houve uma mudança para um enfoque mais familiar. A candidata apresentava uma agenda econômica patriota e protecionista, especialmente na política de agricultura, defendia a abolição do euro e recuperação da moeda e soberania nacionais, controle de fronteira e tarifas de importação. Ao longo de sua campanha Le Pen acabou retomando questões relativas à imigração, lei e ordem, identidade nacional. Essa mudança se deu em parte devido à campanha de Sarkozy, e em parte devido aos ataques terroristas nas cidades de Toulouse e Montauban durante a campanha eleitoral. Mohamed Merah, um cidadão francês de origem argelina autodeclarado terrorista islâmico, assumiu a autoria dos tiroteios e dos assassinatos de setes pessoas, entre elas três crianças. O incidente provocou a interrupção da campanha eleitoral. O choque causado pelo evento permitiu que Marine Le Pen atacasse a imigração ao combina-la com o terrorismo, contestando quantos terroristas estariam entre os imigrantes que embarcam todos os dias na França. Le Pen defendeu o combate ao islamismo radical, levantou a questão da moral e dos valores cívicos assim como a imposição de autoridade. O programa presidencial de Le Pen renomeava a tradicional

‘preferência nacional’ utilizada pelo partido durante a era de Jean-Marie Le Pen para ‘prioridade nacional’, o que representava a mesma ideia, mas abordada de forma diferente. As propostas apresentavam um caráter chauvinista, incluíam a preferência de cidadãos nacionais em relação aos imigrantes no que se refere a empregos, seguro de saúde e benefícios sociais, e o encorajamento de imigrantes desempregados a retornarem aos seus países de origem. Marine Le Pen mudou a forma de transmitir a mensagem, porém, os valores da FN continuaram os mesmos, ‘nacionalismo decorado com xenofobia’ (ANTTILA, 2017, pp.16), (SHIELDS, 2007) (ANTTILA, 2017).

5.2 Eleição de 2017

As eleições presidenciais de 2017 foram marcadas pela presença de dois candidatos de fora dos partidos tradicionais LR e o PS, que dominaram a arena política do país durante a Quinta República. Tanto Marine Le Pen quanto Emmanuel Macron enfatizavam sua característica de *outsiders*, de não serem como os políticos tradicionais. Como já mencionado nesta sessão, Le Pen elevou o populismo da FN. A candidata ressaltava não ser como os outros políticos e que a FN era o único partido que verdadeiramente representava o povo. Ambos, Le Pen e seu pai, trouxeram a convicção de serem *anti-establishment*, ou seja, de confrontar os partidos políticos consolidados na arena política e se colocar como o único partido capaz de verdadeiramente defender a identidade e valores da França. Especialmente em 2017, o discurso de confrontação da ordem política vigente encontrou um terreno fértil devido ao descontentamento da população com os dois partidos tradicionais do país. O mandato de Nicolas Sarkozy do UMP foi altamente impopular e marcado pelo crescimento do desemprego e pelos efeitos da crise da dívida europeia. Já François Hollande do PS não conseguiu resolver os problemas da crise econômica. As taxas de aprovação e de popularidade de Hollande eram extremamente baixas, tanto que o candidato do PS não chegou a se candidatar para reeleição, abrindo espaço para outros membros do partido. A impopularidade dos dois maiores partidos da França abriram alas para o protagonismo de outros partidos alternativos (ANTTILA, 2017).

Marine Le Pen teve um desempenho impressionante na eleição de 2017, recebendo o maior número de votos da história do partido. Ela foi capaz de diversificar o eleitorado da FN, e suas políticas tem cada vez mais atraído a população francesa. Durante a era de Jean-Marie Le Pen, a imigração era a principal política do partido, o que criou o estigma da FN ser um partido de uma única preocupação, onde tudo girava em torno da questão de imigração. Já Marine Le Pen soube diversificar a agenda do partido, e ao mesmo tempo, manter a forte oposição à imigração. Dentre as políticas que mais atraíram os votos da FN estão: maior rigidez à imigração, pautas anti União Europeia (UE) e antiglobalização. A UE foi um dos principais inimigos apontados por Le Pen em sua campanha: uma de suas primeiras propostas eleitorais foi de convocar um referendun para a saída da França do bloco (LE PEN, 2017). Le Pen é uma defensora do retorno do franco e do fim do euro, segundo ela, a UE compromete a soberania da França. O euroceticismo, ou seja, a descrença em relação ao bloco europeu tem prosperado cada vez mais entre os franceses. Os Eurobarómetros são estudos periódicos sobre a opinião pública dos Estados membros sobre as atividades da UE. O Eurobarómetro de 2016 relevou que a população está mais inclinada a enxergar o bloco de forma negativa e a descrer suas instituições do que anteriormente. A crise da zona do euro assim como descrédito no bloco tem deteriorado a opinião pública sobre a UE. Nas últimas eleições para o Parlamento Europeu, a FN foi o partido que mais conseguiu cadeiras, o que também confirma o descontentamento dos franceses com o bloco. A globalização foi outro tópico constantemente atacado por Le Pen durante sua campanha. Segundo Le Pen, as elites globalizantes estariam conspirando contra a França. Uma de suas principais críticas é que a globalização destrói pequenos negócios e empresas locais, simultaneamente este setor da população de empreendedores locais é parte da base eleitoral da FN. A globalização também é responsabilizada pelo baixo crescimento econômico e pelo aumento do desemprego. O protecionismo econômico seria uma das formas propostas por Le Pen para frear a globalização. Segundo o Eurobarómetro de 2016, 55% dos franceses viam a globalização de forma negativa. Dentre os países membros da UE, a França apresentou índices especialmente negativos relativos à globalização, a visão pessimista da globalização tem sido cada vez mais popular entre os franceses. Além do aspecto econômico, Le Pen faz fortes críticas à perspectiva cultural da globalização devido à imigração em massa que esta promove. Em relação à

imigração, assim como a globalização, Le Pen condena seus âmbitos econômicos, sociais e culturais. Para ela, a imigração implica na perda da identidade nacional, na deteriorização da segurança e no crescimento do desemprego. Ao longo dos anos, a tendência que prevaleceu no país foi lidar com a imigração como problema de segurança. Além disso, o Eurobarómetro de 2016 apontou a imigração e o terrorismo como uma das maiores preocupações entre os franceses. De acordo com Le Pen, a imigração em massa, uma das consequências da globalização, promove o terrorismo. É perceptível a conexão existente entre as questões abordadas por Le Pen. A UE, a globalização e a imigração são apontadas conjuntamente como causas do desemprego, recessão econômica, insegurança e perda da identidade nacional. As mensagens passadas através de políticas anti União Europeia, antiglobalização, e anti-imigração se sustentam de forma a dar coesão para a plataforma do partido (ANTTILA, 2017).

Como líder, Marine Le Pen foi capaz de ampliar o eleitorado da FN entre as pessoas que anteriormente tinham uma opinião negativa do partido. Suavizar a postura da FN e moderar suas posições mais radicais foi fundamental para expandir seu eleitoral. Devido à influência de Marine Le Pen, a FN foi capaz de atrair grupos da população que Jean-Marie Le Pen tinha dificuldade em atrair. O processo de *desdemonização* assim como a agenda mais diversificada do partido está entre os principais motivos para os franceses votarem na FN. As mudanças promovidas por Le Pen tornaram o partido mais acessível aos eleitores, e ao mesmo tempo manteve os princípios da FN intactos. Le Pen conseguiu camuflar o racismo da FN enquanto transmitia a mesmos ideais. A nova condução do partido sob o comando de Marine Le Pen foi substancial para a ascensão da FN na França (ANTTILA, 2017).

6 Conclusão

O presente estudo permitiu uma reflexão sobre o processo de ascensão de grupos de extrema direita na atualidade. O fenômeno tem se manifestado de maneira generalizada pela Europa. São inúmeros os indícios do crescimento de partidos de caráter conservado nacionalista com algum nível de relação com o fascismo, podendo ser percebidos em países como: França, Reino Unido, Holanda, Alemanha, Áustria, Itália, Grécia, Hungria, Polônia, Eslováquia, entre outros. Assim como no fascismo, os partidos de extrema direita recorrem ao nacionalismo como instrumento político para atingirem seus objetivos e fundamentar suas posições políticas. O movimento apresenta fortes características conservadoras como forma de reação contra forças modernas como a globalização e a imigração. As principais políticas desses partidos tendem a serem voltadas para barreiras contra a imigração, práticas econômicas protecionistas, e intensa crítica à União Europeia e à globalização. Tais políticas são justificadas pela proteção da soberania e integridade nacionais, as quais estariam ameaçadas pelo progresso da globalização e da imigração.

Analisando especificamente o caso francês, é possível perceber certas circunstâncias que possivelmente facilitaram o crescimento da Frente Nacional no país. A primeira condição refere-se à questão da imigração na França. Segundo os estudos de Reis, o posicionamento que prevaleceu ao longo dos anos, tanto por parte dos governos quanto da população, foi de considerar a imigração como um problema de segurança. Tal ponto de vista é consonante com o posicionamento da Frente Nacional. Estima-se que as políticas imigratórias adotadas pelo governo francês acabaram contribuindo para estigmatizar os estrangeiros e coloca-los sob constante suspeita acerca de sua situação dentro do país. Em anos recentes, essa tendência de associação entre imigração e segurança tem sido confirmada pela postura do governo francês diante de eventos como os protestos de 2005 e a Primavera Árabe em 2011.

Outra circunstancia estrutural para a ascensão da extrema-direita está relacionada ao colapso da economia do país e ao intenso crescimento do desemprego. A crise econômica provocou um contexto de descontentamento

generalizado da população. Os altos índices de desemprego intensificam a competitividade dentro do país gerando uma situação de tensão social. Discursos nacionalistas que apontam os supostos culpados pela crise e fazem associações entre elementos como desemprego e imigração parecem encontrar mais espaço num contexto de inquietação social, assim como ocorreu no fascismo. Além disso, tanto o mandato de Sarkozy do LR quanto de François Holland do PS foram altamente impopulares, em grande parte devido aos problemas econômicos. Diante da aparente inaptidão dos dois maiores partidos do país em atender as reivindicações da comunidade, a população aumentou sua descrença em relação às forças políticas tradicionais. O que foi confirmado pelo segundo turno da eleição de 2017 que pela primeira vez em décadas não contou com a presença de nenhum dos dois partidos, abrindo espaço para partidos alternativos.

Ao analisar a trajetória da Frente Nacional no cenário político francês, o partido apresentou instabilidade em termos eleitorais ao longo dos anos. O seu histórico eleitoral teve altos e baixos, mas no geral, demonstrou que o partido conquistava votos suficientes para sobreviver na arena política, mas não o necessário para assumir posições de grande relevância. A retórica racista de Jean-Marie Le Pen enquanto líder prejudicou a credibilidade e a imagem do partido perante os eleitores. Essa postura radical da Frente Nacional acabou limitando seu eleitorado para determinados tipos de eleitores. O auge da Frente Nacional sob o comando de Jean-Marie Le Pen foi em 2002, momento em que o candidato seguiu para o segundo turno da eleição presidencial. Porém, mesmo naquela ocasião a opinião da população ainda era extremamente desfavorável ao partido, o que garantiu uma vitória histórica a Jacques Chirac. A Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen apresentava grandes dificuldades de ampliar seu eleitorado. Através da liderança de Marine Le Pen a partir de 2011, esse panorama parece ter mudado. Marine Le Pen conseguiu melhorar a imagem do partido e atrair setores da população que seu pai tinha dificuldades de alcançar. Desde então, a Frente Nacional tem tido um desempenho eleitoral crescente.

A capacidade de Marine Le Pen de ampliar o eleitorado entre as pessoas que antes tinha uma opinião negativa da Frente Nacional foi fundamental para sua ascensão. O processo de *desdemonização* do partido tem tido efeitos positivos na percepção dos eleitores sobre ele. Tal processo consistiu em amenizar a postura

radical do partido, evitar declarações de cunho diretamente racista, e aproximar a Frente Nacional da perspectiva de ser um partido como qualquer outro. A guinada de Marine Le Pen de se distanciar do extremismo de seu pai tem tornado menos repulsivo votar na Frente Nacional. A postura de Nicolas Sarkozy foi outro fator que contribuiu para a normalização da Frente Nacional frente à opinião pública. Sarkozy assumiu uma estratégia de campanha voltada para o eleitorado de Le Pen. Ao se apropriar de uma conduta mais xenofóbica e protecionista, a diferenciação entre ser direita moderada e extrema direita se tornou menos nítida. Marine Le Pen também teve sucesso ao diversificar a agenda de um partido frequentemente acusado de apresentar uma única preocupação. Ao mesmo tempo em que manteve o foco na imigração, Le Pen desenvolveu outras pautas como políticas antiglobalização e anti União Europeia. A nova abordagem de Marine Le Pen conseguiu atrair mais apoio ao partido. No entanto, mesmo abordando as pautas de maneira diferente e mascarando o racismo inerente da Frente Nacional, o radicalismo do partido continuou com os mesmos princípios, mas de forma menos direta e mais palatável. A problemática de tal processo se encontra justamente no fato da Frente Nacional não ter mudado de fato seus princípios, mas tê-los disfarçado.

A explicação para a ascensão da extrema direita na França é uma soma de diversos fatores que vão além dos tópicos aqui trabalhados. O presente estudo verificou que a condução da imigração no país, a crise econômica, e principalmente a habilidade de Marine Le Pen de ampliar o eleitorado da Frente Nacional impulsionaram o crescimento do partido. Porém, para se compreender mais profundamente o fenômeno é necessário se aprofundar em outros fatores relevantes no processo. Um deles é a crescente tendência à antiglobalização e anti União Europeia na França, a qual é um dos principais motivos de votos para Frente Nacional. Outra característica que merece atenção é a capacidade de Marine Le Pen de atrair um apoio significativo de mulheres e de eleitores jovens. Durante muito tempo, a Frente Nacional não foi encarada como um partido sério, tendo sido considerada como uma ameaça à democracia. Atualmente, o partido tem reafirmado sua nova posição no *mainstream* político da França. Em estudos posteriores sobre a manifestação de ondas conservadoras, seria interessante se aprofundar nas condições que regimes democráticos proporcionam para a ascensão de tal fenômeno. É importante compreender como a democracia propicia o esgotamento

de suas forças políticas tradicionais, e como ela acaba permitindo a existência e a de grupos que contrariam sua própria sobrevivência.

7 Referências Bibliográficas

ANTTILA, Sini. **The Rise of the Front National**. 2017. 51f. Bachelor's Thesis – Tallinn University of Technology, Department of Law, Tallin 2017.

BAMAT, Joseph. **New poll shows far right could squeeze out Sarkozy**. 2011. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20110421-marine-le-pen-france-opinion-poll-presidential-election-sarkozy-strauss-kahn>>. Acesso em: 23 set. 2018.

BBC. **Marine Le Pen 'chosen to lead Frances National Front**. 2011. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-12201475>>. Acesso em: 23 set. 2018.

BBC. **France's National Front picks Marine Le Pen as new head**. 2011. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-12201475>>. Acesso em: 23 set. 2018.

CASTLE, Stephen; ERLANGER, Steven. **Riots erupt near bridge that links 2 countries**. 2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/04/05/world/europe/05protest.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

CHRISAFIS, Angelique. **Nothing's changed': 10 years after French riots, banlieues remain in crisis**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/oct/22/nothings-changed-10-years-after-french-riots-banlieues-remain-in-crisis>>. Acesso em: 23 set. 2018.

CNN. **Paris suicide bomber identified; ISIS claims responsibility for 129 dead**. 2015. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2015/11/14/world/paris-attacks/index.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

DAY, Alan John. **Political parties of the world**. University of Michigan. Catermill Pub: 5 edition , 2001.

DECLAIR, Edward G. **Politics on the Fringe: The People, Policies, and Organization of the French National Front**. Duke University Press Books , 1999.

DEUTSCHER BUNDESTAG. **CDU/CSU remains strongest parliamentary group in the Bundestag despite losses**. Disponível em: <<https://www.bundestag.de/en/#url=L2VuL2RvY3VtZW50cy90ZXh0YXJjaGl2ZS9lbGVjdGlvb3VtMDE3LzUyNzI4NA==&mod=mod453306>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DOWNS, Anthony. **An Economic Theory of Democracy**. New York: Harper & Row, 1965.

DUMOULIN, Etienne. **The current financial crisis and its effects on the French economy**. 2009. Disponível em: <<http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:302360/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

FABRE, Clarisse. **Entre 1986 et 1988, les députés FN voulaient rétablir la peine de mort et instaurer la préférence nationale**. 2002. Disponível em: <http://felina.pagesperso-orange.fr/doc/extr_dr/prop_lois.htm>. Acesso em: 23 set. 2018.

FAERMANN, Patricia. **Segunda geração de imigrantes compõe novo cenário em Paris**. 2013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/segunda-geracao-de-imigrantes-compoe-novo-cenario-em-paris>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FETZER, Thiemo. **Did austerity cause Brexit? Working Paper**. 2018. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/soc/economics/research/workingpapers/2018/twerp_1170_fetzer.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FROSCH, Jon. **Far-right's Marine Le Pen leads in shock new poll**. 2011. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20110307-new-poll-far-right-marine-le-pen-presidential-frontrunner>>. Acesso em: 23 set. 2018.

GARRIGOS, Raphaël; ROBERTS, Isabelle. **L'insécurité, programme préféré de la télé**. 2002. Disponível em: <https://www.liberation.fr/evenement/2002/04/23/l-insecurite-programme-prefere-de-la-tele_401313>. Acesso em: 23 set. 2018.

JOBARD, Fabien. **Rioting as a Political Tool: the 2005 Riots in France**. 2009. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1468-2311.2009.00564.x>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

JOHN, Mark; ABOUD, Leila. **Far-right National Front stuns French elite with EU 'earthquake'**. 2014. Disponível em: <<https://www.independent.ie/world-news/europe/far-right-national-front-stuns-french-elite-with-eu-earthquake-30303866.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

HAAS, de Hein. **North african migration systems: evolution, transformations and development linkages**. 2006. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/660/66000704.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

HAINSWORTH, Paul. **The Extreme Right in Western Europe**. 1ª ed. New York: Routledge.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HUNTINGTON, Samuel. **A terceira onda: a democratização no final do século XX**. São Paulo: Ática, 1994.

KITSCHOLT, Herbert; MCGANN, Anthony J. **The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis**. University of Michigan Press, 1997.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

LE MONDE. **Marine Le Pen annonce que le Front national devient Rassemblement national**". 2018. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/politique/article/2018/06/01/marine-le-pen-annonce-que-le-front-national-devient-rassemblement-national_5308450_823448.html>. Acesso em: 23 set. 2018.

LE MONDE. **Marine Le Pen propose de renommer le FN.** 2018. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/politique/article/2018/03/11/marine-le-pen-propose-de-renommer-le-fn-rassemblement-national_5269188_823448.html>. Acesso em: 23 set. 2018.

LE PEN, Marine. **Engagements Présidentiels de Marine Le Pen.** 2017. Disponível em: <<https://www.marine2017.fr/wp-content/uploads/2017/02/projet-presidentiel-marine-le-pen.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

L'HUMANITÉ. **La boîte de Pandore de Sarkozy.** 2005. Disponível em: <<https://www.humanite.fr/node/337843>>. Acesso em: 23 set. 2018.

LÖWY, Michael. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil.** 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

MARCELINO, Patrícia. **A “Primavera Árabe” e o Fluxo de Refugiados para a União Europeia: Comunicação num Cenário de Crise.** 2012. Disponível em: <<https://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaodefesa/textointegral/NeD132.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR. **Résultats des élections européennes 2014.** 2014. Disponível em: <[https://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Europeennes/elecresult_ER2014/\(path\)/ER2014//FE.html](https://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Europeennes/elecresult_ER2014/(path)/ER2014//FE.html)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MUSÉE DE L'HISTOIRE DE L'IMMIGRATION. **L'histoire de l'immigration en France après 1945.** Disponível em: <<http://www.histoire-immigration.fr/des-ressources-pour-enseigner/parcours-histoire-de-l-immigration-en-france-depuis-1945/premiere>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

NATIONAL ELECTION OFFICE. **ORSZÁGGYŰLÉSI KÉPVISELŐK VÁLASZTÁSA. 2018.** Disponível em: <<http://www.valasztas.hu/dyn/pv18/szavossz/hu/l22.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

NOHLEN, Dieter; STÖVER, Phillip. **Elections in Europe.** Nomos Publishers, 2010.

NOSSITER, Adam. **Marine Le Pen's Anti-Islam Message Gains Influence in France.** 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/11/18/world/europe/marine-le-pens-anti-islam-message-gains-influence-in-france.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

NOSSITER, Adam. **Why Macron Won: Luck, Skill and France's Dark History.** 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/05/07/world/europe/why-macron-won-france.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

REIS, Rocha Rossana. **Migrações: casos norte- americano e francês.** 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 5 ago. 2018.

SAMUEL, Henry. **French far-right leader Jean-Marie Le Pen sets retirement date.** 2008. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/2798961/French-far-right-leader-Jean-Marie-Le-Pen-sets-retirement-date.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

SHEPPE, Adrian. **France in the 1970s: A Time of Decline, Doubt, and Anti-Americanism.** 2010. Disponível em: <<https://uramericansinparis.wordpress.com/2010/12/15/france-in-the-1970s---a-time-of-decline-doubt-and-anti-americanism/>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SHIELDS, James. **Marine Le Pen and the 'New' FN: A Change of Style or of Substance?** 2013. Disponível em: <<https://academic.oup.com/pa/article-abstract/66/1/179/1556177>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SHIELDS, James. **The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen.** Routledge, 2007.

SHVETS, Yeugenia. **Immigration politic in France: the effect of the foreigners on electoral results.** 2004. Disponível em: <http://www.nyu.edu/gsas/dept/politics/undergrad/research/shvets_thesis.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

STATISTICAL OFFICE OF THE SLOVAK REPUBLIC. **The Elections to the Slovak National Council of SR.** 2016. Disponível em: <http://volby.statistics.sk/index-en.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SQUIRES, Nick. **Marine Le Pen planning Italy trip to condemn North African refugees.** 2011. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/8369131/Marine-Le-Pen-planning-Italy-trip-to-condemn-North-African-refugees.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

TAYLOR, Matthew. **'White Europe': 60,000 nationalists march on Poland's independence day.** 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/nov/12/white-europe-60000-nationalists-march-on-polands-independence-day>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

THE ECONOMIST. **A time of trouble and protests.** 2009. Disponível em: <<https://www.economist.com/europe/2009/01/22/a-time-of-troubles-and-protest>>. Acesso em: 23 set. 2018.

THE ECONOMIST. **The National Front's victory: France in shock.** 2014. Disponível em: <<https://www.economist.com/charlemagne/2014/05/26/france-in-shock>>. Acesso em: 23 set. 2018.

THE INDEPENDENT. **Bossnapped! (It's French for industrial action).** 2009. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/bossnapped-its-french-for-industrial-action-1660019.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

TOMEK, Radoslav. **Slovak Far-Right Party Leader Indicted for Promoting Nazism.** Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-07-27/slovak-party-leader-kotleba-indicted-for-promoting-nazi-ideology>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

VINOCUR, Nicholas. **Marine Le Pen's plan to make France great again.** 2007. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/marine-le-pens-plan-to-make-france-great-again/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

WHITNEY, Craig R. **Bomb rips train underneath Paris, with 29 wounded.** 1995. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1995/10/18/world/bomb-rips-train-underneath-paris-with-29-wounded.html>>. Acesso em: 25, set. 2018.